

**RELATÓRIO DE PESQUISA 4 - A CONTRIBUIÇÃO DA
CODEPAR E BADEP PARA O FINANCIAMENTO DO PRO-
CESSO DE DESENVOLVIMENTO NA ECONOMIA PARA-
NAENSE**

BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO PARANÁ - BADEP
INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - IPARDES

**RELATÓRIO DE PESQUISA 4 - A CONTRIBUIÇÃO DA
CODEPAR E BADEP PARA O FINANCIAMENTO DO PRO-
CESSO DE DESENVOLVIMENTO NA ECONOMIA PARANAENSE**

CURITIBA
JANEIRO/79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO I - AVALIAÇÃO SETORIAL DA CODEPAR/BADEP - 1962/1975.....	6
1 - AGRICULTURA E SERVIÇOS.....	6
2 - SETOR PÚBLICO PARANAENSE.....	15
2.1 - FINANCIAMENTO.....	15
2.2 - PARTICIPAÇÃO SOCIETÁRIA.....	25
3 - SETOR INDUSTRIAL.....	34
3.1 - COMPOSIÇÃO DO INVESTIMENTO FIXO FINANCIA- DO POR ANO E TIPOS DE INDÚSTRIA.....	34
3.2 - COMPOSIÇÃO DO INVESTIMENTO DE GIRO FI- NANCIADO.....	47
CAPÍTULO II - ANÁLISE DA PRODUTIVIDADE INDUSTRIAL...	56
4 - CRÍTICA DA INFORMAÇÃO.....	56
5 - TECNOLOGIA E NÍVEL DE EMPREGO.....	59
6 - COEFICIENTE MARGINAL PRODUTO/MÃO-DE-OBRA 1962/ 1974.....	72

7 - COMPARAÇÃO INTERESTADUAL DE PRODUTIVIDADE INDUSTRIAL DA MÃO-DE-OBRA.....	80
8 - CONCLUSÃO.....	84
APÊNDICE 1 - TABELAS.....	88
APÊNDICE 2 - COEFICIENTE MARGINAL CAPITAL/MÃO-DE-OBRA E COEFICIENTE MARGINAL PRODUTO/CAPITAL.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123
EQUIPE TÉCNICA.....	126

INTRODUÇÃO

Os bancos de desenvolvimento instituídos pelo governo para promover o crescimento econômico, têm atuado no atendimento a uma demanda não satisfeita com as disponibilidades de crédito oferecidas pelo sistema financeiro privado. Atuam financiando projetos de iniciativa privada ou de infra-estrutura valendo-se de recursos repassados dos diversos organismos de fomento da área federal e estadual.

A seleção de setores, prioridades, condições dos financiamentos quanto a prazos de carência e de amortização, juros, montantes máximos a financiar e outras condições, são características dos programas que fornecem recursos para repasse.

No entanto, o suprimento adequado de recursos à atividade empresarial envolve aspectos qualitativos e quantitativos, que variam de região para região, em função de suas peculiares necessidades e possibilidades. Nesse sentido, os bancos de desenvolvimento, que cada vez mais operam com repasse, têm sua ação limitada tanto no que se refere ao campo de atuação, como em relação às normas de aplicação de recursos financeiros. Essa limitação é decorrente justamente da vinculação dos recursos a programas ou fundos de alcance nacional e que nem sempre atendem adequadamente aos problemas de ordem regional, como também

pelo fato de que uma participação maior na solução dos problemas do desenvolvimento regional requer, por vezes, um montante de recursos financeiros superior à real capacidade de apoio dos bancos de desenvolvimento.

Outro fator limitativo de atividades está na falta de integração dos bancos de desenvolvimento no contexto em que se situam, agravado pela heterogeneidade dos bancos que não funcionam como sistema coordenado e integrado. Desse modo, são frequentemente tomados de surpresa face às mudanças na política econômica e financeira do governo, não tendo condições de, em tempo hábil, adaptarem-se a nova situação!

Pela análise conduzida neste relatório, observa-se que, se num primeiro momento a CODEPAR/BADEP tinha mais autonomia quanto à forma de aplicação de seus recursos, uma vez que predominavam recursos próprios, num segundo momento, os recursos já estavam em maior escala vinculados a repasses de fundos de alcance nacional. No entanto, deve-se considerar que apesar dessa mudança decorrente de uma centralização que se processa em 1967, tanto a CODEPAR quanto o BADEP desempenharam papel decisivo no desenvolvimento e modernização, primeiramente do setor público e depois da estrutura industrial paranaense, conforme já demonstraram claramente os relatórios de pesquisa 1, 2 e 3.²⁻⁴

¹BASES para uma estratégia de ação. Rumos do Desenvolvimento, Rio de Janeiro, 2(9): 20-3, jan./fev. 1978.

²IPARDES. A contribuição da CODEPAR e BADEP para o financiamento do desenvolvimento econômico paranaense. Curitiba, 1977. (Relatório de Pesquisa, 1: A representatividade dos estabelecimentos industriais financiados pela CODEPAR e BADEP na economia paranaense).

³_____. Curitiba, 1978. (Relatório de Pesquisa, 2: Análise do impacto da CODEPAR e BADEP na economia paranaense através de investimentos no setor industrial)

⁴_____. Curitiba, 1978. (Relatório de Pesquisa, 3: Análise do impacto da CODEPAR e BADEP na economia paranaense através dos investimentos no setor público).

CAPÍTULO I - AVALIAÇÃO SETORIAL DA CODEPAR/BADEP - 1962/1975

I - AGRICULTURA E SERVIÇOS

Cabe neste relatório um detalhamento sobre a atuação da CODEPAR/BADEP na agricultura e serviços, uma vez que tais setores não foram enfocados nos relatórios anteriores.

Desde sua fundação que remonta de 1962, a então CODEPAR teve como meta prioritária dotar o Estado de infra-estrutura básica, inexistente na época. Esta tarefa visava o fortalecimento do setor privado da economia que por sua vez provocaria o desenvolvimento da indústria e a modernização da agricultura. Posteriormente, em 1968, foi a CODEPAR transformada em banco de desenvolvimento, BADEP, devido à reorganização do sistema econômico do País em seu nível monetário - financeiro (vide relatórios de pesquisa 1, 2 e 3), sem contudo afastar-se de seu objetivo inicial centrado no fomento à industrialização para o desenvolvimento do Estado.

Definidas estas linhas mestras, bem como através da comparabilidade entre os setores (público, indústria, agricultura e serviços) do montante de recursos próprios (CODEPAR/BADEP) ou de repasse, constata-se que tanto a agricultura como os serviços tiveram peso pouco significativo na política de atuação

da companhia e do banco. Tanto é assim que em treze anos, período de abrangência do estudo, os investimentos nos quais houve participação da CODEPAR/BADEP representam apenas 11% dos investimentos nestes setores, conforme pode ser comprovado pela tabela que segue, participação esta que engloba também os recursos aplicados pela própria empresa.

TABELA 1(1) - INVESTIMENTO FINANCIADO TOTAL DESTINADO À AGRICULTURA, SERVIÇOS, INDÚSTRIA E SETOR PÚBLICO - 1962/75

S E T O R E S	Valor Total (Cr\$ 1.000,00 de 1975)	Participação relativa - %
Agricultura	443.766	5,83
Serviços	355.847	4,79
Indústria	5.099.131	68,58
Setor Público	1.546.896	20,80
TOTAL	7.435.640	100,00

FONTE: Tabelas A.1(7), A.1(8), 2.1(10), 3.1(2) e 3.2(2).

OBS.: Para o valor da indústria foram considerados os investimentos fixo e giro.

A composição dos investimentos destinados à agricultura, agregados ano a ano segundo a origem (Tabela A.1.1(1) dos Anexos) evidencia que com a utilização de recursos para repasse a partir de 1968, o Banco pôde reduzir substancialmente sua participação no montante investido, que até então situava-se em torno de 50%. A partir de 1969 os recursos repassados representam em média cerca de 60% dos investimentos financiados, notando-se também uma redução substancial na participação, das empresas.

Analogamente, a composição dos investimentos destinados aos serviços, agregados ano a ano segundo a origem (tabela A.1.1.2 dos Anexos), mostra que até 1965 inclusive, não foram financiadas atividades do setor serviços, e que a partir de 1966, os financiamentos já contaram com recursos repassados. A participação do repasse embora elevada, não atinge os níveis dos financiamentos à agricultura, ficando em torno de 40%.

A tabela 1(2) permite verificar as variações existentes segundo a origem dos recursos destinados à agricultura e serviços e, portanto, explica a afirmação acima. Percebe-se que, para o período 1962/75 como um todo, não há diferença significativa com respeito à participação das empresas nos investimentos financiados para agricultura e para serviços, mas a participação da CODEPAR/BADEP é substancialmente maior nos financiamentos ao setor serviços.

TABELA 1(2) - INVESTIMENTO TOTAL DESTINADO À AGRICULTURA E SERVIÇOS, SEGUNDO ORIGEM DE RECURSOS - 1962/1975.

ORIGEM RECURSOS	AGRICULTURA		SERVIÇOS	
	Valor (Cr\$ 1.000,00/ 1975)	Participação (%)	Valor (Cr\$ 1.000,00/ 1975)	Participação (%)
CODEPAR/BADEP	56.888	13,11	113.478	31,89
Repasse	257.392	59,34	163.783	46,03
Empresa	119.486	27,55	78.586	22,08
TOTAL	433.766	100,00	355.847	100,00

FONTE: Tabelas A.1(7); A.1(8).

Assim, a participação do repasse de recursos de programas ou

fundos representa, para os investimentos financiados à agricultura, 59,34%, e para os investimentos financiados ao setor serviços, 46,03%, contra 13,11 e 31,89% de recursos próprios da CODEPAR/BADEP, respectivamente para os dois gêneros.

Em relação ao uso dos recursos, conclui-se pelas tabelas 1(3) e 1(4) que, primeiramente, em se tratando do setor agrícola, os recursos da CODEPAR/BADEP têm sido aplicados principalmente em financiamentos para capital de giro (66%). Já, dos recursos repassados, 60% destinam-se ao investimento fixo, enquanto nos projetos em que há participação da CODEPAR/BADEP, os recursos da empresa dividem-se igualmente entre capital fixo e capital de giro. Em resumo, os projetos agrícolas financiados apresentam uma divisão quase equitativa entre recursos para capital fixo e recursos para capital de giro, podendo indicar um elevado nível de tecnificação da produção financiada.

A estrutura de financiamento ao setor serviço, representada na tabela 1(4) contrasta claramente com a do setor agrícola. Os recursos da empresa e de repasse destinam-se quase que totalmente à formação de capital fixo, embora metade dos recursos CODEPAR/BADEP destinem-se ao financiamento de capital de giro. Esta estrutura pode ser explicada em grande parte pela predominância dos ramos de transporte rodoviário e construção civil, os quais representam 59% dos investimentos financiados, sendo estes recursos integralmente aplicados na formação de capital fixo.

TABELA 1(3) - INVESTIMENTO TOTAL DESTINADO À AGRICULTURA SEGUNDO O USO DOS RECURSOS - 1962/1975.

ORIGEM RECURSOS	FIXO		GIRO		VALOR TOTAL (Cr\$ 1.000,00/75)
	Valor (Cr\$ 1.000,00/75)	Participação %	Valor (Cr\$ 1.000,00/75)	Participação %	
CODEPAR/BADEP	19.253	33,84	37.635	66,16	56.888
Repasse	155.439	60,39	101.953	39,61	257.392
Empresa	55.603	46,54	63.883	53,46	119.486
TOTAL	230.295	53,09	203.471	46,91	433.766

FONTE: Tabela A.1(4)

TABELA 1(4) - INVESTIMENTO TOTAL DESTINADO AO SETOR SERVIÇOS SEGUNDO O USO DOS RECURSOS - 1962/1975.

ORIGEM RECURSOS	FIXO		GIRO		VALOR TOTAL
	Valor (Cr\$ 1.000,00/75)	Participação %	Valor (Cr\$ 1.000,00/75)	Participação %	(Cr\$ 1.000,00/75)
CODEPAR/BADEP	57.257	50,46	56.221	49,54	113.478
Repasse	147.972	90,35	15.811	9,65	163.783
Empresa	70.347	89,52	8.239	10,48	78.586
TOTAL	275.576	77,44	80.271	22,56	355.847

FONTE: Tabela A.1(6).

TABELA 1(5) - PARTICIPAÇÃO DOS FINANCIAMENTOS À CONSTRUÇÃO CIVIL E AOS TRANSPORTES NO TOTAL DOS FINANCIAMENTOS AO SETOR SERVIÇOS NO PERÍODO 1962/75.

Preços de 1975.

	SETOR SERVIÇOS	CONSTRUÇÃO CIVIL (A)	TRANSPORTE (B)	(A + B)
FIXO	275.576	127.403(46%)	82.335(30%)	209.738(76%)
GIRO	80.271	- (0%)	- (0%)	- (0%)
TOTAL	355.847	127.403(36%)	82.335(23%)	209.738(59%)

FONTE: BADEP

OBS.: Inflacionamento do capital fixo pelo Deflator Implícito da Formação Bruta de Capital Fixo.

- Inflacionamento do capital de giro pelo Índice coluna 2-da Revista Conjuntura Econômica da F.G.V.

Os investimentos em transporte rodoviário de passageiros e de carga financiados representam 23% do total dos investimentos financiados ao setor serviços e destinam-se principalmente à reposição. Deste recursos, 25% provêm da CODEPAR/BADEP, 55% de repasse e 20% das empresas, como é mostrado na tabela 1(6). Analogamente, os investimentos financiados à Construção civil representam 36% do total de investimentos financiados ao setor serviços, sendo que 23% dos recursos provêm da CODEPAR/BADEP, 56% repasse e 21% das empresas financiadas, como é também mostrado na tabela 1(6).

TABELA 1(6) - FONTE DE RECURSOS DOS INVESTIMENTOS FINANCIADOS À
CONSTRUÇÃO CIVIL E AO TRANSPORTE RODOVIÁRIO

	CONST. CIVIL (A)	TRANSPORTE (B)	(A + B)
CODEPAR/BADEP	28.758(23%)	20.246(25%)	49.004(23%)
Repasse	71.494(56%)	45.135(55%)	116.629(56%)
Empresa	27.151(21%)	16.954(20%)	44.105(21%)
TOTAL	127.403(100%)	82.335(100%)	209.738(100%)

FONTE: BADEP

O cálculo das participações das fontes de recursos no total de investimentos financiados ao setor serviços, com base na tabela 1(4) indica o seguinte:

CODEPAR/BADEP - 32%
 REPASSE - 46%
 EMPRESA - 22%

Considerando-se então que os investimentos financiados à construção civil e ao transporte rodoviário representam 59% dos investimentos financiados (Tabela 1(5)) e que a participação das empresas financiadas obtida na tabela 1(6) é muito próxima da mesma participação média para o setor, chega-se à conclusão que a participação da CODEPAR/BADEP nos investimentos financiados às outras atividades é substancialmente maior que a média (46%), enquanto a participação do repasse é substancialmente menor que a média (31%).

Em resumo, tem-se o seguinte para o setor serviços:

TABELA 1(7) - FONTE DE RECURSOS DOS INVESTIMENTOS FINANCIADOS
AO SETOR SERVIÇOS (PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL)*

	Construção Transporte viário	Civil + Rodo-	Outras Atividades	Média do Setor
CODEPAR/BADEP	23		46	32
REPASSE	56		31	46
EMPRESA	21		23	22

FONTE: Resultados anteriores.

*A participação percentual das fontes de recursos no total das "outras atividades" obtém-se trivialmente considerando-se que construção civil mais transporte representam 59%:

$$0,59p + 0,41x = \bar{p},$$

Sendo: p, a participação da fonte com relação à construção

civil + transporte rodoviário

x, a participação desejada

\bar{p} , a participação da fonte com relação ao setor

2 - SETOR PÚBLICO PARANAENSE

2.1 - FINANCIAMENTO

Neste relatório, o setor público é analisado considerando-se somente os investimentos dos quatro principais ramos, ou seja: energia elétrica, transportes rodoviários, urbanização de Curitiba e telecomunicações. Maior detalhamento do setor público (ramos acima citados e outros ramos) foi objeto de análise do Relatório de Pesquisa 3.

A análise ficou restrita às quatro entidades: COPEL, DER, URBS e TELEPAR, por terem absorvido 80% dos recursos financeiros destinados ao setor público.

A Companhia de Desenvolvimento do Paraná - CODEPAR, no início de suas atividades injetou recursos em infra-estrutura, principalmente em energia elétrica e transportes, com a finalidade de eliminar os principais entraves ao setor industrial⁵. Com a posterior mudança para banco de desenvolvimento - BADEP, passa-se a dar ênfase ao financiamento direto ao setor industrial⁶.

⁵ CODEPAR. Relatório/1962-1968. Curitiba, 1963-1968.

⁶ BADEP. Atividades/1969-1975. Curitiba, 1970-1976.

Analisando os investimentos realizados pela CODEPAR/BADEP nos setores de energia elétrica, transportes rodoviários, urbanização e telecomunicações, considerou-se, por falta de informação, como investimento financiado, para alguns casos, o total liberado no período (anos de 1962/74).

Os investimentos foram divididos por empresas quanto à origem dos recursos, bem como foram elaboradas tabelas resumos englobando as quatro empresas.

Quanto ao uso dos recursos financiados ao setor público, cabe ressaltar que foram aplicados integralmente na formação de capital fixo, não havendo, conforme foi apurado, financiamento para capital de giro.

Conforme o Relatório de Pesquisa 3⁷, o setor transportes representou, no período 1962/75, 45% dos investimentos financiados ao setor público, enquanto que o setor de energia elétrica 33%, urbanização 7% e telecomunicações 1%.

Os investimentos para o setor de energia elétrica, onde atua a Companhia Paranaense de Energia Elétrica - COPEL, foram realizados com expressivo volume de recursos da CODEPAR/BADEP, tendo também participação da própria empresa e, somente em 1974/75 há repasses, como pode ser verificado pelas tabelas 2.1(1) e 2.1(2). Entre os anos de 1969 e 1973 não foram reali-

⁷Op. Cit. nota 4, Tabela 5.2(9) dos Anexos.

TABELA 2.1(1) - PARANÁ - INVESTIMENTO TOTAL FINANCIADO À COPEL, SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS

(em Cr\$ 1.000,00 correntes)

ANOS	TOTAL	CODEPAR/ BADEP	PART. RELATIVA %	REPASSE	PART. RELATIVA %	EMPRESA	PART. RELATIVA %
1962	1.556	1.245	80,00	-	-	311	20,00
1963	4.835	2.755	56,98	-	-	2.080	43,02
1964	738	738	100,00	-	-	-	-
1965	15.369	12.337	80,27	-	-	3.032	19,73
1966	10.611	8.489	80,00	-	-	2.122	20,00
1967	4.138	3.311	80,00	-	-	828	20,00
1968	7.348	5.878	80,00	-	-	1.469	20,00
1969	-	-	-	-	-	-	-
1970	-	-	-	-	-	-	-
1971	-	-	-	-	-	-	-
1972	-	-	-	-	-	-	-
1973	-	-	-	-	-	-	-
1974	1.521	-	-	1.217	80,00	304	20,00
1975	188.221	22.812	12,12	129.085	68,58	36.324	19,30

FONTE: Pesquisa junto à COREL e BADEP.

TABELA 2.1(2) - PARANÁ - INVESTIMENTO TOTAL FINANCIADO À COPEL, SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS

(em Cr\$ 1.000,00 de 1975)*

ANOS	TOTAL	VARIAÇÃO ANUAL %	CODEPAR/BADEP	VARIAÇÃO ANUAL %	REPASSE	VARIAÇÃO ANUAL %	EMPRESA	VARIAÇÃO ANUAL %
1962	65.378	-	52.311	-	-	-	13.067	-
1963	110.894	69,62	63.188	20,79	-	-	47.706	265,09
1964	9.572	-91,37	9.572	-84,85	-	-	-	-
1965	137.223	1.333,59	110.152	1.050,77	-	-	27.071	-
1966	71.215	-48,10	56.973	-48,28	-	-	14.242	-47,39
1967	21.225	-70,20	16.979	-70,20	-	-	4.246	-70,19
1968	29.271	37,91	23.418	27,92	-	-	5.853	37,85
1969	-	-	-	-	-	-	-	-
1970	-	-	-	-	-	-	-	-
1971	-	-	-	-	-	-	-	-
1972	-	-	-	-	-	-	-	-
1973	-	-	-	-	-	-	-	-
1974	2.042	-	-	-	1.634	-	408	-
1975	188.221	9.117,48	22.812	-	129.085	7.799,94	36.324	8.802,94

FONTE: Tabela 2.1(1)

* Para o inflacionamento utilizou-se o deflator implícito da Formação Bruta de Capital Fixo conforme a tabela A.3.1 - Relatório de Pesquisa 2 - Projeto BADEP.

zados financiamento à COPEL, sendo 1968 o marco final de uma política francamente agressiva no setor energético, quando os recursos da CODEPAR representaram em média 80% do investimento financiado.

No período 1962/68 a participação da CODEPAR permanece elevada, como apontado acima, mas com a transformação da CODEPAR em BADEP, o setor energético somente vai ser contemplado em 1974 através do repasse de recursos e, em 1975, com participação dos recursos próprios de apenas 12%. Considerando todo o período 1962/75 a participação da CODEPAR/BADEP situa-se em 56%, a do repasse de recursos em 20% e a da COPEL em 23%, o que significa que mais de metade do investimento financiado teve como fonte a CODEPAR/BADEP.*

O transporte rodoviário, representado no setor público pelo Departamento de Estradas de Rodagem - DER, obteve grande parcela dos recursos destinados ao setor público estadual. Verifica-se pela tabela 2.1(3) que os recursos da CODEPAR representam a totalidade dos investimentos financiados para construção de estradas e compra de máquinas e equipamentos até 1966, e que nos anos seguintes inexistiu qualquer destinação de recursos próprios para o setor, com exceção de 1975. A elevada participação dos recursos próprios da CODEPAR cedeu lugar aos recursos de repasse, a partir de 1966. Pela tabela 2.1(4) verifica-se que os financiamentos do DER mantiveram um ritmo mais

*A preços de 1975, tem-se da tabela 2.1(4): investimento financiado total 761.210 mil; CODEPAR/BADEP - 464.318 mil; repasse - 269.737 mil e DER - 27.155 mil.

TABELA 2.1(3) - PARANÁ - INVESTIMENTO TOTAL FINANCIADO AO DER, SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS

(em Cr\$ 1.000,00 correntes)

ANOS	TOTAL	CODEPAR/ BADEP	PART. RELATI- VA %	REPASSE	PART. RELATI- VA %	EMPRESA	PART. RELATIVA %
1962	1.270	1.270	100,00	-	-	-	-
1963	3.380	3.380	100,00	-	-	-	-
1964	8.600	8.600	100,00	-	-	-	-
1965	16.010	16.010	100,00	-	-	-	-
1966	10.995	10.995	100,00	-	-	-	-
1967	9.143	-	-	5.000	54,69	4.143	45,31
1968	18.150	-	-	18.150	100,00	-	-
1969	25.890	-	-	25.890	100,00	-	-
1970	22.307	-	-	22.307	100,00	-	-
1971	-	-	-	-	-	-	-
1972	4.493	-	-	4.493	100,00	-	-
1973	-	-	-	-	-	-	-
1974	-	-	-	-	-	-	-
1975	29.306	5.153	17,58	18.244	26,26	5.909	20,16

FONTE: Pesquisa junto ao DER e BADEP.

TABELA 2.1(4) - PARANÁ - INVESTIMENTO TOTAL FINANCIADO AO DER, SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS

(em Cr\$ 1.000,00 de 1975)*

ANOS	TOTAL	VARIAÇÃO ANUAL %	CODEPAR/BADEP	VARIAÇÃO ANUAL %	REPASSE	VARIAÇÃO ANUAL %	EMPRESA	VARIAÇÃO ANUAL %
1962	53.361	-	53.361	-	-	-	-	-
1963	77.523	45,28	77.523	45,28	-	-	-	-
1964	111.543	43,88	111.543	43,88	-	-	-	-
1965	142.946	28,15	142.946	28,15	-	-	-	-
1966	73.792	-48,38	73.792	-49,38	-	-	-	-
1967	46.887	-36,46	-	-	25.641	-	21.246	-
1968	72.311	54,22	-	-	72.311	182,01	-	-
1969	83.786	15,87	-	-	83.786	15,87	-	-
1970	60.453	-27,85	-	-	60.453	-27,85	-	-
1971	-	-	-	-	-	-	-	-
1972	9.302	-	-	-	9.302	-	-	-
1973	-	-	-	-	-	-	-	-
1974	-	-	-	-	-	-	-	-
1975	29.306	-	5.153	-	18.244	-	5.909	-

FONTE: Tabela 2.1(3)

* Para o inflacionamento utilizou-se o Deflator Implícito da Formação Bruta de Capital Fixo - conforme Tabela A.3.1 do Relatório de Pesquisa 2 - Projeto BADEP.

estável que os financiamentos à COPEL (tabela 2.1(2)), mas a participação do DER nos investimentos financiados é residual, pouco superior a 3,5% para todo o período 1962/75, sendo a participação da CODEPAR/BADEP de 61% e a dos recursos repassados 35,5%.

Em se tratando de urbanização a Companhia de Urbanização de Curitiba - URBS, empresa encarregada de tal atividade, recebeu apoio financeiro do BADEP nos anos de 1974/75, sendo que em 1974 o investimento é totalmente financiado através de recursos repassados, conforme mostra a tabela 2.1(5). Em 1975, os recursos do Banco têm pequena participação, 1,46%, observando-se uma elevada participação de recursos repassados - 70,41%. Pela tabela 2.1(6) pode-se observar que os investimentos financiados atingem em 1974, um nível de 50% acima do ano de 1975.

Os investimentos foram realizados em dois importantes projetos, ou seja, Projeto Cura - Piloto e Cidade Industrial de Curitiba⁸; sendo a participação dos recursos repassados de 88,1% e da URBS 11,3%.*

Para o setor de telecomunicações, a Companhia de Telecomunicações do Paraná - TELEPAR, recebe apoio financeiro da CODEPAR a partir de 1966. Os investimentos financiados à TELEPAR ocorrem apenas nos anos de 1966, 1967 e 1970. Nos dois primeiros anos não são utilizados recursos de repasse, entretanto

⁸Op. cit. nota 4, p. 62.

*A preços de 1975, tem-se da tabela 2.1(6) investimento financiado total - 129.985 mil; BADEP - 762 mil; repasse 114.518 e URBS - 14.705 mil.

TABELA 2.1(5) - PARANÁ - INVESTIMENTO TOTAL FINANCIADO À URBS, SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS.

(em Cr\$ 1.000,00 correntes)

ANOS	TOTAL	CODEPAR/ BADEP	PART.RELA- TIVA %	REPASSE	PART.RELATI- VA %	EMPRESA	PART.RELATI- VA %
1974	57.894	-	-	57.894	100,00	-	-
1975	52.275	762	1,46	36.808	70,41	14.705	28,13

FONTE: Pesquisa junto à URBS e BADEP.

TABELA 2.1(6) - PARANÁ - INVESTIMENTO TOTAL FINANCIADO À URBS, SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS

(em Cr\$ 1.000,00 de 1975)*

ANOS	TOTAL	VARIAÇÃO ANUAL %	CODEPAR/BADEP	VARIAÇÃO BADEP %	REPASSE	VARIAÇÃO ANUAL %	EMPRESA	VARIAÇÃO ANUAL %
1974	77.710	-	-	-	77.710	-	-	-
1975	52.275	32,73	762	-	36.808	52,63	14.705	-

FONTE: Tabela 2.1(5)

*Para o inflacionamento, utilizou-se o Deflator Implícito da Formação Bruta de Capital Fixo - conforme Tabela A.3.1 do Relatório de Pesquisa 2 - Projeto BADEP.

a CODEPAR participa com 80% dos recursos e a TELEPAR com os restantes 20%, como se observa pela tabela 2.1(7). Em 1970 o Banco intermedia recursos federais e nisso se resume sua atuação no período analisado.

No total dos três anos (1966, 67 e 70) verifica-se que a participação da CODEPAR/BADEP nos investimentos financiados situa-se em 62%, a do repasse, em 23% e a da TELEPAR, em 15%.*

As tabelas 2.1(9) e 2.1(10) se referem às quatro entidades: COPEL, DER, URBS e TELEPAR, em conjunto. Pela tabela 2.1(10) pode-se visualizar bem o arrefecimento dos financiamentos ao setor público nos anos setenta, comprovando a assertiva de que a grande ênfase na criação de infra-estrutura ocorreu nos anos iniciais de operação da então CODEPAR.

A tabela 2.1(9) mostra que a participação da entidade financiada é, de um modo geral, baixa. O repasse de recursos é realizado a partir de 1967 e em alguns anos chega a responder pela totalidade dos recursos financiados.

2.2 - PARTICIPAÇÃO SOCIETÁRIA

A CODEPAR, através do Fundo de Desenvolvimento Econômico - FDE - detinha do Adicional Restituível 1% do Imposto Sobre Vendas e Consignações (I.V.C.), parcela esta destinada a

* A preços de 1975, tem-se da tabela 2.1(8); investimento financiado total - 23.352 mil, CODEPAR/BADEP - 14.460 mil; repasse - 5.274 mil e TELEPAR - 3.618 mil.

TABELA 2.1(7) - PARANÁ - INVESTIMENTO TOTAL FINANCIADO À TELEPAR, SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS

(em Cr\$ 1.000,00 correntes)

ANOS	TOTAL	CODEPAR/ BADEP	PART.RELA- TIVA %	REPASSE	PART.RELA- TIVA %	EMPRESA	PART.RELATI- VA %
1966	688	550	79,94	-	-	138	20,06
1967	2.625	2.100	80,00	-	-	525	20,00
1968	-	-	-	-	-	-	-
1969	-	-	-	-	-	-	-
1970	1.946	-	-	1.946	100,00	-	-

FONTE: Pesquisa junto à TELEPAR e BADEP.

TABELA 2.1(8) - PARANÁ - INVESTIMENTO TOTAL FINANCIADO À TELEPAR, SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS

(em Cr\$ 1.000,00 de 1975)*

ANOS	TOTAL	VARIAÇÃO ANUAL %	CODEPAR/BADEP	VARIAÇÃO ANUAL %	REPASSE	VARIAÇÃO ANUAL %	EMPRESA	VARIAÇÃO ANUAL %
1966	4.617	-	3.691	-	-	-	926	-
1967	13.461	191,55	10.769	191,76	-	-	2.692	190,71
1968	-	-	-	-	-	-	-	-
1969	-	-	-	-	-	-	-	-
1970	5.274	-	-	-	5.274	-	-	-

FONTE: Tabela 2.1(7)

*Para o inflacionamento utilizou-se o Deflator Implícito da Formação Bruta de Capital Fixo conforme Tabela A.3.1 - do Relatório de Pesquisa 2 - Projeto BADEP.

TABELA 2.1(9) - PARANÁ - INVESTIMENTO TOTAL FINANCIADO À COPEL, DER, URBS E TELEPAR, SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS.

(em Cr\$ 1.000,00 correntes)

ANOS	TOTAL	CODEPAR/ BADEP	PART.RELA- TIVA %	REPASSE	PART.RELA- TIVA %	EMPRESA	PART.RELATI- VA %
1962	2.826	2.515	89,00	-	-	311	11,00
1963	8.215	6.135	74,68	-	-	2.080	25,32
1964	9.338	9.338	100,00	-	-	-	-
1965	31.379	28.347	90,34	-	-	3.032	9,66
1966	22.294	20.034	89,86	-	-	2.260	10,14
1967	15.382	5.411	35,18	5.000	32,50	4.971	32,32
1968	25.497	5.878	23,06	18.150	71,18	1.469	5,76
1969	25.890	-	-	25.890	100,00	-	-
1970	24.253	-	-	24.253	100,00	-	-
1971	-	-	-	-	-	-	-
1972	4.493	-	-	4.493	100,00	-	-
1973	-	-	-	-	-	-	-
1974	59.415	-	-	59.111	99,49	304	0,51
1975	269.802	28.727	10,65	184.137	68,25	56.938	21,10

FONTE: Pesquisa junto à COPEL, DER, URBS, TELEPAR e BADEP.

TABELA 2.1(10) - PARANÁ - INVESTIMENTO TOTAL FINANCIADO À COPEL, DER, URBS.E TELEPAR, SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS

(Em Cr\$ 1.000,00 de 1975*)

ANOS	TOTAL	VARIAÇÃO ANUAL %	CODEPAR/BADEP	VARIAÇÃO ANUAL %	REPASSE	VARIAÇÃO ANUAL %	EMPRESA	VARIAÇÃO ANUAL %
1962	118.739	-	105.672	-	-	-	13.067	-
1963	188.417	58,68	140.711	33,16	-	-	47.706	265,09
1964	121.115	-35,62	121.115	-13,93	-	-	-	-
1965	280.169	131,32	253.098	108,97	-	-	27.071	-
1966	149.624	-46,60	134.456	-46,88	-	-	15.168	-43,97
1967	78.882	47,28	27.749	-79,36	25.641	-	25.492	68,06
1968	101.582	28,78	23.418	-15,61	72.311	182,01	5.853	77,04
1969	83.786	-17,52	-	-	83.786	15,87	-	-
1970	65.726	-21,55	-	-	65.726	-21,55	-	-
1971	-	-	-	-	-	-	-	-
1972	9.302	-	-	-	9.302	-	-	-
1973	-	-	-	-	-	-	-	-
1974	79.752	-	-	-	79.344	-	408	-
1975	269.802	238,30	28.727	-	184.137	132,07	56.938	13.855,39

FONTE: Tabela 2.1(9)

Para o inflacionamento utilizou-se o Deflator Implícito da Formação Bruta de Capital Fixo conforme tabela A.3.1 do Relatório de Pesquisa 2 - Projeto BADEP.

financiamentos. No início da existência do Fundo, os financiamentos eram na sua maioria destinados ao setor público (80%) cabendo ao setor privado somente a parcela de 20%. A principal razão do FDE destinar a maior parte dos financiamentos ao setor público, foi devido às prioridades governamentais em incrementar a infra-estrutura básica para possibilitar um rápido desenvolvimento econômico.

Tanto assim que essa situação vai se alterando gradativamente ao longo do tempo, e, a partir de 1968, nota-se resultados positivos nas metas do FDE, quando as parcelas dos financiamentos direcionadas ao setor público e ao setor privado invertem suas participações.

Já previsto por lei, o pagamento do financiamento poderia ser realizado pelas empresas do setor público com uma parcela de 50% em ações e 50% em dinheiro, sendo todos os dividendos recebidos através da participação societária reinvestidos na empresa. A cada aumento de capital social das empresas, a participação societária da CODEPAR/BADEP-FDE, vai gradativamente aumentando, não pelo fato da aquisição de novas ações, mas sim em consequência de serem reinvestidos os dividendos.

A participação societária da CODEPAR/FDE em empresas do setor público paranaense inicia-se em 1963 e como primeira empresa contemplada tem-se a TELEPAR.

Cabe frisar que os investimentos realizados através de participação societária da CODEPAR/BADEP não necessariamente têm uma continuidade no decorrer do período analisado, que vai de

1962 a 1975. Como exemplo tem-se a CELEPAR, que recebe recursos através de participação societária nos anos de 1964 a 1966 e somente em 1973 e 1975 é novamente contemplada com recursos do BADEP via participação societária.

Observando a tabela 2.2(1) verifica-se que a única empresa pública estadual que recebe recursos da CODEPAR/BADEP continuamente em forma de participação societária, é a Companhia Paranaense de Energia Elétrica - COPEL. Para a COPEL tem sido destinada a quase totalidade dos recursos aplicados em participação societária, sendo que na maioria dos anos a participação percentual é superior a 70%, e, no período 1964/75, coube à COPEL 80% do montante de recursos.

Nos últimos três anos da série, o BADEP tem participado com grande representatividade no CEASA, a participação percentual nos anos 1973/75 é, respectivamente, 13,25%, 35,45% e 55,00%.

Do modo geral, pode-se dizer que a participação societária foi orientada para a COPEL, havendo certa participação no BANESTADO e mais recentemente no CEASA.

Conforme a tabela 2.2(2) o maior volume de recursos no período 1962/75 através de financiamento e participação societária, coube à Companhia Paranaense de Energia Elétrica - COPEL, onde a relação investimento total financiado / participação societária total é de 2,02. O total de recursos destinados ao setor público através de financiamentos (incluindo o DER e URBS), representa 4,3 vezes o total da participação societária da CODEPAR/BADEP.

TABELA 2.2(1) - PARTICIPAÇÃO SOCIETÁRIA DA CODEPAR/BADEP - FDE EM EMPRESAS DO SETOR PÚBLICO PARANAENSE E PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL

(em Cr\$ 1.000,00 correntes)

EMPRESA	ANOS		1963	Part. Perc. %	1964	Part. Perc. %	1965	Part. Perc. %	1966	Part. Perc. %	1967	Part. Perc. %	1968	Part. Perc. %
	1962	Part. Perc. %												
BANESTADO	-	-	-	-	114	17,12	-	-	-	-	760	11,45	-	-
BANESTADO CRÉDITO IMOBILIÁRIO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	991	14,92	785	10,32
BANESTADO PROCESSAMENTO DADOS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BANESTADO REFLORESTADORA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CELEPAR	-	-	-	-	232	34,83	716	17,17	350	6,60	-	-	-	-
CEASA/PR.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
COHAPAR	-	-	-	-	-	-	1	0,02	-	-	-	-	-	-
COPASA	-	-	-	-	200	30,03	250	6,00	-	-	70	1,05	-	-
COPEL	-	-	-	-	38	5,71	3.097	74,25	4.957	93,40	4.812	72,47	6.819	89,68
SANEPAR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	0,11	-	-
TELEPAR	-	-	4	100,00	82	12,31	107	2,56	-	-	-	-	-	-
T O T A L	-	-	4	100,00	666	100,00	4.171	100,00	5.307	100,00	6.640	100,00	7.604	100,00

EMPRESA	ANOS		1970	Part. Perc. %	1971	Part. Perc. %	1972	Part. Perc. %	1973	Part. Perc. %	1974	Part. Perc. %	1975	Part. Perc. %
	1969	Part. Perc. %												
BANESTADO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BANESTADO CRÉDITO IMOBILIÁRIO	1.303	24,06	640	4,58	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BANESTADO PROCESSAMENTO DADOS	-	-	-	-	10	0,20	-	-	-	-	-	-	-	-
BANESTADO REFLORESTADORA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	270	1,91	-	-
CELEPAR	-	-	-	-	-	-	365	1,83	-	-	-	-	1.031	4,20
CEASA/PR.	-	-	-	-	-	-	-	-	3.075	13,25	5.025	35,45	13.500	55,00
COHAPAR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
COPASA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
COPEL	4.113	75,94	13.324	95,42	5.012	99,60	19.564	98,11	17.836	76,84	8.692	61,32	9.991	40,71
SANEPAR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21	0,09
TELEPAR	-	-	-	-	10	0,20	12	0,06	2.300	9,91	187	1,32	-	-
T O T A L	5.416	100,00	13.964	100,00	5.032	100,00	19.941	100,00	23.211	100,00	14.174	100,00	24.543	100,00

FONTE: BADEP.

TABELA 2.2(2) - FINANCIAMENTOS CONTRATADOS JUNTO À CODEPAR/BADEP - FDE, PARTICIPAÇÃO SOCIETÁRIA DA CODEPAR/BADEP - FDE E A RELAÇÃO FINANCIAMENTOS/PARTICIPACÃO SOCIETÁRIA NAS EMPRESAS DO SETOR PÚBLICO PARANAENSE

(Cr\$ 1.000,00 de 1975)*

	BANESTADO			CELEPAR			CEASA/PR.			COPASA		
	Financiamento (1)	Participação societária (2)	1/2	Financiamento (1)	Participação societária (2)	1/2	Financiamento (1)	Participação societária (2)	1/2	Financiamento (1)	Participação societária (2)	1/2
1962	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8.884	-	0,0
1963	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1964	-	1.516	0,0	-	3.083	0,0	-	-	-	-	-	-
1965	-	-	-	5.512	6.069	0,91	-	-	-	-	2.121	0,0
1966	-	-	-	-	2.152	0,0	-	-	-	2.214	-	0,0
1967	-	8.384	0,0	-	-	-	-	-	-	910	335	2,72
1968	-	3.026	0,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1969	-	4.161	0,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1970	-	1.706	0,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1971	-	22	0,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1972	-	-	-	-	690	0,0	-	-	-	-	-	-
1973	-	-	-	-	-	-	-	5.054	0,0	-	-	-
1974	-	343	0,0	1.992	-	-	-	6.418	0,0	-	-	-
1975	-	-	-	-	1.031	0,0	-	13.500	0,0	-	-	-
TOTAL	-	19.158	0,0	7.504	13.025	0,58	-	24.972	0,0	12.008	2.456	4,89

	COPEL			SANEPAR			TELEPAR			TOTAL		
	Financiamento (1)	Participação societária (2)	1/2	Financiamento (1)	Participação societária (2)	1/2	Financiamento (1)	Participação societária (2)		Financiamento (1)	Participação societária (2)	1/2
1962	56.566	-	0,0	-	-	-	-	-	-	65.450	-	0,0
1963	69.781	-	0,0	-	-	-	-	101	0,0	69.781	101	690,90
1964	7.847	2.659	2,95	-	503	0,0	-	1.090	0,0	7.847	8.854	0,88
1965	104.619	26.258	3,98	-	-	-	-	909	0,0	110.131	35.362	3,11
1966	52.207	30.476	1,71	-	-	-	3.383	-	0,0	57.804	32.628	1,77
1967	15.858	23.041	0,69	-	-	-	10.059	31	324,48	26.827	31.791	0,84
1968	22.689	26.291	0,86	-	-	-	-	-	-	22.689	29.317	0,77
1969	-	13.130	0,0	-	-	-	-	-	-	-	17.291	0,0
1970	-	35.510	0,0	-	-	-	5.196	-	0,0	5.196	37.216	0,14
1971	-	11.092	0,0	-	-	-	-	22	0,0	-	11.136	0,0
1972	-	37.015	0,0	-	-	-	-	22	0,0	-	37.727	0,0
1973	-	29.312	0,0	-	-	-	-	3.780	0,0	-	38.146	0,0
1974	1.558	11.101	0,14	-	-	-	-	239	0,0	3.550	18.101	0,20
1975	185.583	9.991	1,86	-	21	0,0	-	-	0,0	185.583	24.543	7,56
TOTAL	516.708	255.876	2,02	-	524	0,0	18.638	6.194	3,01	554.858	322.213	1,72

FONTE: Financiamento: Tabela 5.2(4) - Relatório de Pesquisas Nº 3 - IPARDES - 1978
Participação Societária: Tabela 2.2(1).

*Para o inflacionamento, utilizou-se a col. 2 da Revista Conjuntura Econômica

3 - SETOR INDUSTRIAL

3.1 - COMPOSIÇÃO DO INVESTIMENTO FIXO FINANCIADO POR ANO E TIPOS DE INDÚSTRIA.*

A CODEPAR/BADEP vista sob a ótica do financiamento no relatório de Pesquisa 2, mostrou resultados globais, como a participação do investimento fixo financiado no investimento total e o aspecto qualitativo desses investimentos, através dos segmentos industriais contemplados, revelando a política levada a efeito pelos agentes financeiros em questão.

No presente relatório, para uma melhor visualização da alocação dos recursos, optou-se por trabalhar somente com o investimento financiado, na tentativa de verificar a origem e o destino dos recursos financiados. Nada mais próprio que situar neste contexto a CODEPAR/BADEP e os demais agentes financeiros oficiais, sua participação e seu grau de importância.

Consideram-se a seguir, os financiamentos ao setor industrial segundo a aplicação em capital fixo ou de giro e a evolução dos financiamentos.

*A agregação segundo categorias Tradicionais e Dinâmicas A e B obedece à mesma classificação da adotada no relatório de pesquisa 2 p. 34-35.

Entende-se por investimento fixo financiado, o somatório de recursos CODEPAR/BADEP, mais recursos repassados pela CODEPAR/BADEP, provindos de outras instituições financeiras e os recursos levantados pela empresa, sejam próprios, de fornecedores ou de outras instituições financeiras, tomados diretamente, sem a interveniência da CODEPAR/BADEP.

Como a análise corresponde a período bem diferenciados da economia nacional, tentar-se-á identificar a orientação da política de financiamentos desenvolvida no Paraná, tendo-se em conta as características de cada subperíodo.

Pela tabela 3.1(1) pode-se observar que inicialmente o investimento fixo financiado era composto exclusivamente de recursos próprios da então CODEPAR e de recursos levantados pela empresa, sem recursos repassados de outros órgãos. Isto caracterizou-se até 1965, pois a partir de então passam a existir diversos fundos de desenvolvimento, criados pelo BNDE, como o FIPEME (Programa de Financiamento a Pequena e Média Empresa), o FUNGIRO (Fundo Especial para o Financiamento de Capital de Giro), e o FMRI (Fundo de Modernização e Reorganização Industrial), este veio substituir dois antigos programas: o FUNDEPRO (Fundo de Desenvolvimento da Produtividade) e o FUNESPE (fundo de Financiamento de Estudos de Pesquisas Técnicas). Além destes, surge em 1964 o FINAME que originariamente se chamava Fundo de Financiamento para a Aquisição de Máquinas e Equipamentos e que em 1966, ao desligar-se do BNDE, adota personalidade jurídica própria e inteira autonomia administrativa, sob a denominação de Agência Especial de Financiamento Industrial.

TABELA 3.1(1) - PARANÁ - INVESTIMENTO FIXO FINANCIADO À INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS

(Em Cr\$ 1.000,00 Correntes)

ANO	Investimento	BADEP	Participação %	Repasse	Participação %	Empresa	Participação %
1962	393	222	56,49	-	-	171	43,51
1963	2.469	1.089	44,11	-	-	1.380	55,89
1964	5.880	3.330	56,63	-	-	2.550	43,37
1965	11.998	6.199	51,67	-	-	5.799	48,33
1966	20.564	11.025	53,62	457	2,22	9.082	44,16
1967	17.790	9.638	54,18	205	1,15	7.947	44,67
1968	23.003	11.882	51,65	1.376	5,98	9.745	42,37
1969	48.701	22.925	47,07	5.240	10,76	20.536	42,17
1970	34.815	18.240	52,39	3.862	11,09	12.713	36,52
1971	70.480	15.137	21,48	30.783	43,68	24.560	34,84
1972	212.507	44.261	20,83	60.622	28,53	107.624	60,54
1973	226.723	45.298	19,98	52.224	23,03	129.201	56,99
1974	488.621	66.313	13,57	227.003	46,46	195.305	39,97
1975	901.512	59.487	6,60	559.114	62,02	282.911	31,38

FONTE: Pesquisa junto ao BADEP

De 1965 em diante, o Banco Central passa a administrar vários fundos especiais de financiamento, sendo que aqui serão mostrados aqueles mais diretamente ligados ao setor industrial. Do FUNAGRI (Fundo Geral para Agricultura e Indústria) saem linhas específicas de crédito industrial que são o FIBEP (Fundo de Financiamento de Importação de Bens de Capital) e o FUNDECE (Fundo de Democratização do Capital das Empresas), sendo este último destinado somente a financiamento de capital de giro. Os demais Fundos do Banco Central destinam-se basicamente para financiamento de capital fixo, mas, de acordo com as necessidades, financiam também parcela do capital de giro.⁹

Nesse sentido, passa-se a admitir que o desenvolvimento industrial depende tanto de fatores reais, vinculados a uma crescente acumulação de capital e progresso técnico, como também de fatores financeiros que possibilitem às empresas, principalmente as de economias em estágios menos avançados de industrialização, acelerar sua acumulação e aumentar o nível tecnológico de produção e organização.

O Governo do Estado do Paraná, percebe que a industrialização se configura como a grande saída para reduzir as desigualdades regionais então existentes, e lança-se no financiamento da infra-estrutura necessária para a industrialização: energia elétrica, transporte e telecomunicações; numa repetição da experiência do BNDE na década anterior. Coube então à CODEPAR/BADEP, neste primeiro instante, direcionar para financia-

⁹BRASIL. IPEA/INPES. Financiamento de Projetos Industriais no Brasil. Rio de Janeiro, 1972. p. 108-9

mento direto do setor industrial apenas cerca de 20% dos recursos, forjando instrumentos financeiros e criando canais de aplicação de modo a orientar os fluxos financeiros para novos setores mestres selecionados, ou para atividades que oferecessem boas oportunidades de rentabilidade nas quais houvesse premente escassez de recursos.

O Plano de Desenvolvimento do Paraná elaborado em 1963,¹⁰ ao verificar os setores de atividade importantes para a economia do Estado, deu mais ênfase ao desenvolvimento do setor industrial, acionando então a CODEPAR para colocá-lo em prática: a "CODEPAR foi selecionando projetos de maior interesse para o desenvolvimento do Estado (ramos novos na indústria paranaense, como da indústria de papel, celulose e pasta, refinação de óleos vegetais, frigoríficos, eletrodomésticos, tecelagem e fiação, metalurgia e mecânica) geralmente de pequeno porte"¹¹. Isto porque dada "a escassez relativa de recursos, são limitadas para a CODEPAR as possibilidades de prestar assistência financeira a projetos de grande vulto, relacionados com a indústria pesada"¹². Não se financiava grande empresa, principalmente estrangeira e se fosse nacional, teria de ter obrigatoriamente a matriz no Paraná.

A magnitude e diversidade dos financiamentos exigidos para promover a passagem de uma economia primário exportadora para uma economia industrializada não pôde ser atendida pela

¹⁰ PARANÁ. Governo do Estado. Plano de desenvolvimento do Paraná. Curitiba, 1963. p. 234.

¹¹ CODEPAR. Relatório de Atividades 1962. Curitiba, 1963. p.20.

¹² *Ibid*, p. 21.

rede bancária privada, devido à grande necessidade de recursos a baixo custo para expansão da capacidade produtiva.

Voltando à tabela 3.1(1), até 1965 os investimentos financiados provieram da CODEPAR e da própria empresa. A partir de 1966 os recursos da CODEPAR/BADEP aos poucos vão diminuindo sua participação, pois aboliu-se o empréstimo compulsório que originava os recursos do Fundo de Desenvolvimento Econômico - FDE. Mesmo a partir de 1970 quando começam a surgir grandes projetos industriais, e quando em 1973 tem-se a implantação da Cidade Industrial de Curitiba, o BADEP perde continuamente sua participação nos investimentos financiados com recursos próprios. A empresa de certa maneira mantém o seu nível de participação, mas passam a ter importância vital para o financiamento à indústria, os recursos do BNDE, FINAME e BACEN, principalmente. Em 1966 o repasse constituía apenas 2,12% do investimento financiado, mas sua participação aumenta gradativamente e chega em 1975 a 62,02%, demonstrando efetivamente o predomínio dos recursos repassados.

Isto poderia indicar que, a longo prazo, ficando o Banco cada vez mais limitado à orientação dos recursos repassados, teria dificuldades crescentes de captar uma política coordenada de desenvolvimento regional na sua atuação como agência financeira oficial; visto que os repasses, quase todos vinculados a destinações específicas dentro de programas de alcance nacional, não seriam, necessariamente, adequados às necessidades do setor industrial paranaense.

Ao se verificar os valores a preços constantes, tabela

3.1(2), percebe-se que o investimento fixo financiado permanece crescendo até 1967, porque, embora a nível de Brasil a economia já estivesse desarticulada, esgotado o processo de substituição de importações, o Paraná ainda nutria esperanças de industrializar-se segundo um padrão semelhante àquele modelo.

A CODEPAR procura orientar sua política de investimentos de maneira que sejam aproveitados os produtos regionais para transformação industrial, considerando as vantagens locais e comparativas, bem como os efeitos positivos desses investimentos sobre a economia paranaense. Mas a crise nacional que se inicia em 1962, vem se refletir no Paraná por volta de 1966/67, quando a maior parcela dos investimentos realizados alcança a maturação. Outro fator, sem dúvida da maior relevância, que resultou na queda do investimento fixo financiado em 1966 e 1967, foi a política cafeeira adotada pelo IBC em 1965/66¹³. Os efeitos da crise econômica nacional, e em particular da política cafeeira, prolongam-se pelo ano de 1968 e os investimentos só retomam o crescimento a partir de 1969.

Para o Paraná, a queda do investimento fixo financiado, no período 66/67, é basicamente explicada pela incipiente fase do processo de industrialização, pela maturação da maior parte dos primeiros investimentos estar ocorrendo nesta época, e o fato de pequenas empresas predominarem na estrutura industrial paranaense, daí resultando uma maior debilidade financeira.

¹³ IPARDES. Anexo II: Evolução das políticas cafeeiras. In: Subsídios ao diagnóstico sócio-econômico do Paraná: Indústria e Agricultura e análise preliminar. Curitiba, 1978. p.

TABELA 3.1(2) - PARANÁ - INVESTIMENTO FIXO FINANCIADO À INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO POR ANO DE ORIGEM DOS RECURSOS

(Em Cr\$ 1.000,00 de 1975) ¹								
	Investimento	Varição Anual %	BADEP	Varição Anual %	Repasse	Varição Anual %	Empresa	Varição Anual %
1962	16.513	-	9.328	-	-	-	7.185	-
1963	56.629	242,94	24.977	167,76	-	-	31.652	340,53
1964	76.265	34,68	43.191	72,92	-	-	33.074	4,49
1965	107.125	40,46	55.348	28,15	-	-	51.777	56,55
1966	138.013	28,85	73.993	33,69	3.067	-	60.953	17,72
1967	91.231	-33,90	49.426	-33,20	1.051	-65,73	40.754	-33,14
1968	91.645	0,45	47.338	-4,22	5.482	421,60	38.825	-4,73
1969	157.608	71,98	74.191	56,73	16.958	209,34	66.459	71,18
1970	94.347	-40,14	49.430	-33,37	10.465	-38,29	34.452	-48,16
1971	166.226	76,19	35.700	-27,78	72.601	593,75	57.925	68,13
1972	439.973	164,68	91.638	156,69	125.511	72,88	222.824	284,68
1973	390.902	-11,15	78.100	-14,77	90.042	-23,26	222.760	-0,03
1974	655.867	67,98	89.011	13,97	304.702	238,40	262.154	17,68
1975	901.512	37,45	59.487	-33,17	559.114	83,50	282.911	7,92
TOTAL	3.383.856	-	781.158	-	1.188.993	-	1.413.705	-

FONTE: Tabela 3.1(1)

(1): Para o inflacionamento utilizou-se o Deflator implícito da formação Bruta de Capital Fixo - Coluna 9 do Anexo 3.1 do Relatório de Pesquisa nº 2.

Sobre o período de 1966/67, que caracterizou a crise no Paraná, pode-se dizer que o crédito limitado para as operações de compra de matéria-prima, ou para manter estoques, resultou no descontrole da situação no setor industrial, o que levou a economia a um baixo nível de solvência, dificultando as empresas a operar mesmo com redução da produção.

Acentua-se a crise com o fato de em períodos anteriores grande número de empresas paranaenses terem aumentado sua capacidade produtiva ou terem instalado novas plantas, aproveitando facilidades de financiamentos. Assim, não houve a maturação total dos investimentos e, para agravar, a retração de mercado ocorrido nesta época contribuiu para debilitar principalmente, as empresas de instalação recente.

Ainda na tabela 3.1(2) pode-se observar que de 1968 para 1969 foi significativo o crescimento do investimento fixo financiado, ressaltando-se o acentuado aumento da participação dos recursos repassados. Já neste período a CODEPAR está inclusa no novo sistema tributário de 1967, não mais centraliza a administração dos recursos provindos do empréstimo compulsório, tendo apenas dotação orçamentária¹⁴.

A partir de 1970, à medida que o investimento fixo financiado aumenta de ano para ano, aumenta aceleradamente a participação dos recursos repassados, enquanto os recursos do

¹⁴ AUGUSTO, M.H.O. Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista: estudo sobre a CODEPAR (Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná) São Paulo, Símbolo, 1978. p.

Banco representam uma parcela cada vez menor do total do investimento financiado. No entanto, para que a industrialização do Estado não esmorecesse, o BADEP, cuja participação fica reduzida a menos de 25% dos recursos a partir de 1970, concentra-se no repasse de recursos de órgãos federais e atua como agência financeira governamental, possibilitando carrear recursos para repasse seguindo uma orientação diversa da rede bancária privada. (Ver tabela 3.1(1)).

A tabela 3.1(2) retrata o crescimento dos repasses e recursos da Empresa a partir de 1970, uma vez que o Paraná já definitivamente integrado na economia nacional e mundial, passa a desenvolver e financiar seus grandes projetos industriais, modificando-se por completo a concepção inicial de desenvolvimento. Abrem-se as portas ao investido estrangeiro e como isto requer uma maior escala nos financiamentos do que nos períodos de atendimento à pequena e média empresa, já não é possível sustentar o processo apenas com recursos do Fundo de Desenvolvimento Econômico.

Um dos motivos que originou o crescimento espantoso do volume de recursos geridos pelo BADEP, que triplicou entre 1969 e 1975 foi o fato acima arrolado. Isto colocou os repasses financeiros do BNDE, BACEN, CEF e BNH como a alternativa a ser adotada com ênfase crescente para acelerar a industrialização.

O investimento fixo financiado desagregado por tipo de indústria e fonte de recursos, tabela 3.1(3), confirma a análise anterior.

TABELA 3.1(3) - PARANÁ - INVESTIMENTO FIXO FINANCIADO POR FONTE DE RECURSOS E TIPO DE INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

(Em Cr\$ 1.000,00 de 1975)¹

	T R A D I C I O N A I S				D I N Â M I C A S A				D I N Â M I C A S B			
	Invest.	CODEPAR/BADEP	Repassé	Empresa	Invest.	CODEPAR/BADEP	Repassé	Empresa	Invest.	CODEPAR/BADEP.	Repassé	Empresa
1962	12.059	6.933	-	5.126	2.269	1.092	-	1.177	2.185	1.303	-	882
1963	27.546	11.766	-	15.780	23.922	10.665	-	13.257	5.161	2.569	-	2.592
1964	46.355	26.874	-	19.481	22.284	11.506	-	10.778	7.626	4.338	-	2.788
1965	74.724	38.286	-	36.438	26.035	13.508	-	12.527	6.366	3.553	-	2.813
1966	90.497	48.611	1.805	40.081	39.610	21.026	792	17.792	7.906	4.356	470	3.080
1967	40.620	21.923	923	17.774	46.687	24.964	128	21.595	3.924	2.539	-	1.385
1968	46.956	28.052	1.733	17.171	43.633	18.900	3.446	21.287	1.056	386	303	367
1969	104.450	48.534	16.256	39.660	51.640	24.773	660	26.207	1.518	384	42	592
1970	62.683	32.943	8.845	20.895	23.163	13.342	328	9.493	8.501	3.145	1.292	4.064
1971	50.569	19.778	16.297	14.494	108.575	12.757	54.533	41.285	7.082	3.165	1.771	2.146
1972	59.518	11.675	24.303	23.540	365.979	77.871	93.489	194.619	14.476	2.092	7.719	4.665
1973	76.868	17.460	32.987	26.411	301.383	57.564	52.162	191.657	12.651	3.076	4.893	4.692
1974	320.252	35.815	174.561	109.876	319.520	52.624	116.940	149.956	16.095	572	13.201	2.322
1975	488.792	30.787	289.760	168.245	376.319	28.526	240.298	107.495	36.401	174	29.056	7.171

FONTE: Tabela A.3.2(1)

1 - Para o inflacionamento utilizou-se o Deflator Implícito da Formação Bruta de Capital Fixo - Coluna - 9 do Anexo 3.1 do Relatório de Pesquisa Nº 2.

No que se refere à análise dos gêneros industriais, têm-se que o investimento das Indústrias Tradicionais cresce até 1966, porque o financiamento destinava-se a pequenas e médias empresas que, geralmente, eram madeireiras, alimentares, de mobiliário, vestuário e têxtil¹⁵.

Com relação a este período, as Indústrias Dinâmicas A, embora em crise, mantêm crescente o nível do investimento financiado que só vem a diminuir em 1968, oscilando até 1970, quando volta a apresentar um crescimento acelerado.

Nas Dinâmicas B observa-se que até 1966, também os investimentos vêm crescendo. Há entre 1967 e 1969 uma brusca queda, principalmente devido à recuperação e expansão das empresas deste setor no pólo dinâmico.

As Indústrias Tradicionais vêm superar o nível de investimento de 1969 somente em 1974, isto porque a recuperação da economia brasileira se dá com base no desempenho de alguns setores das Indústrias Dinâmicas A e das Dinâmicas B. Em 1974 e 1975, as Indústrias Tradicionais aumentam seu volume de investimento, basicamente devido ao PROMADE¹⁶.

Quanto às Indústrias Dinâmicas A, principalmente a partir de 1971 seus investimentos financiados aumentam aceleradamente e passam a acompanhar a economia brasileira ao fornecer

¹⁵ AUGUSTO, M.H.O., p. 176-7.

¹⁶ BADEP. Programa de apoio às indústrias madeireiras do Estado do Paraná. Curitiba, 1974. p.

produtos semi-elaborados ou de uso final, chegando a deter o valor da Produção no Paraná em 1974, 33,64%¹⁷.

Também as Indústrias Dinâmicas B a partir de 1970 passam a cada ano a aumentar significativamente seu volume de investimento, caindo levemente em 1973, embora em 1974 e 1975 a participação do BADEP diminuía significativamente, o nível do investimento financiado ao setor permanece crescendo.

"Nos últimos cinco anos, desenvolveu-se um esforço orientado do governo paranaense, através do BADEP, para ampliar no Estado a importância relativa de alguns ramos industriais de elevada tecnologia. Dentro desse programa, os financiamentos do BADEP para as indústrias mecânicas, de material elétrico e de comunicações e de material de transporte, em relação aos dimensionamentos globais para o setor privado tiveram a seguinte evolução: 4% em 1974, 5% em 1975 e 17% em 1976"¹⁸.

Este esforço de modernização das Indústrias Dinâmicas B, deve-se ao fato de que este setor, pode ser considerado como um artesanato mais sofisticado quando comparado a outros estados mais industrializados.

Para as indústrias Dinâmicas A e B, embora tenha diminuído a parcela de investimento do BADEP, o nível das aplicações mantém-se crescente na continuação do projeto de industrialização.

¹⁷ Op. cit. nota 2, Tabela 4.2.1

¹⁸ BADEP. Relatório de atividades 1977. Curitiba, 1978. p.

3.2 - COMPOSIÇÃO DO INVESTIMENTO DE GIRO FINANCIADO

A CODEPAR/BADEP ao tentar dar início ao programa de industrialização do Estado, esbarra no problema, anteriormente assinalado, em que as empresas, ao financiar a parte produtiva, careciam de ajuda financeira nas áreas de comercialização e estocagem de matéria-prima. Assim, o financiamento a capital de giro foi pouco expressivo no início do período, quase sempre vinculado esse financiamento a um investimento em capital fixo em períodos anteriores.

A tabela 3.2(1) demonstra sem maiores detalhes que a cada ano aumentam os volumes para capital de giro, com três períodos distintos, a saber: i) 1962-1965, quando a norma da CODEPAR/BADEP, era somente financiar investimento em capital fixo e, eventualmente, capital de giro; ii) 1966-1972, neste período já ocorrem os dois tipos de financiamentos simultaneamente, isto é, à medida que se efetuava o investimento fixo, liberavam-se financiamentos para capital de giro; iii) 1973-1975, é o período em que surge a Cidade Industrial de Curitiba e também, o financiamento em caráter definitivo dos grandes investimentos realizados a partir de 1968, não só em Curitiba, mas em todo Estado. Neste último período foi financiado investimento em capital fixo, fixo e giro ou somente giro.

Na mesma tabela pode-se verificar que as empresas financiadas com capital de giro mantêm uma elevada participação no investimento, no entanto, deve ser ressaltado que os recursos apresentados sob a rubrica "Empresa" não necessariamente são próprios das empresas financiadas, podendo ser obtidos de ou-

TABELA 3.2(1) - PARANÁ - INVESTIMENTO DE GIRO FINANCIADO À INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS.

(Em Cr\$ 10.000,00 Correntes)

A N O S	Investimento	CODEPAR/BADEP	Participação %	Repasse	Participação %	Empresa	Participação %
1962	55	35	63,63	-	-	20	36,37
1963	15	15	100,00	-	-	-	-
1964	68	47	69,11	-	-	21	30,89
1965	36	16	44,44	-	-	20	55,56
1966	5.476	2.533	46,27	-	-	2.943	53,73
1967	7.733	3.007	38,88	-	-	4.726	61,11
1968	11.229	3.552	31,63	2.727	24,28	4.950	44,09
1969	8.151	4.018	49,29	1.300	15,95	2.833	34,76
1970	16.738	9.257	55,31	1.983	11,85	5.497	32,84
1971	40.047	6.998	17,47	15.390	38,43	17.659	44,10
1972	47.027	7.240	15,40	4.560	9,70	35.227	74,90
1973	209.392	10.380	4,96	88.645	42,33	110.367	52,71
1974	284.632	45.369	15,94	92.452	32,48	146.811	51,58
1975	641.903	145.511	22,67	151.578	23,61	344.814	53,72

FONTE: Pesquisa Junto ao BADEP.

tros agentes financeiros, ou através de créditos de fornecedores.

A tabela 3.2(2) apresenta um fato interessante, pois o investimento em capital de giro no período 1966 a 1975, apresenta um decréscimo somente em 1969, com uma variação anual negativa de 40,02%, mas cresce sempre nos anos seguintes. Isto vem indicar que a CODEPAR/BADEP após os anos iniciais, passa a atender de forma efetiva às necessidades de financiamento de capital de giro do setor industrial, buscando para isso recursos dos programas de financiamento do sistema financeiro federal. Observa-se que até 1969 o Banco e a empresa é que tiveram maior parcela na composição do investimento, mas nos anos seguintes, devido ao aumento do volume de recursos demandados, as operações com repasse passam a predominar.

Embora exista desde 1964, é somente a partir de 1968, que o FUNDECE (Fundo de Democratização do Capital das Empresas) vem a ser utilizado para repasse pelo BADEP, quando já estão implantadas grandes empresas capazes de preencher as características exigidas pelo programa. As empresas paranaenses que de longa data obtinham financiamento para capital de giro junto a bancos comerciais, com a contenção do crédito após 1964, voltaram-se para o Banco de Desenvolvimento. Mas este não repassa verbas do FUNDECE porque só as empresas que se enquadram nos itens abaixo é que poderiam ser beneficiadas com o financiamento de capital de giro, a saber:

- "1 - Empresas organizadas ou em vias de se transformarem em Sociedades Anônimas e que se propunham a

TABELA 3.2(2) - PARANÁ - INVESTIMENTO DE GIRO FINANCIADO À INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS

(Em Cr\$ 1.000,00 de 1975)¹

	Investimento	Variação Anual %	BADEP	Variação Anual %	Repasse	Variação Anual %	Empresa	Variação Anual %
1962	2.443,10	-	1.554,70	-	-	-	888,40	-
1963	379,95	-84,00	379,95	-75,97	-	-	-	-
1964	904,40	137,90	625,10	64,52	-	-	279,30	-
1965	305,28	-66,25	135,68	-78,30	-	-	169,60	-39,28
1966	33.677,40	10.931,64	15.584,10	11.485,92	-	-	13.099,45	10.571,84
1967	37.041,07	9,98	14.403,53	-7,58	-	-	22.637,54	25,07
1968	43.343,94	17,01	13.710,72	-4,82	10.526,22	-	19.107,00	-15,60
1969	26.001,69	-40,02	12.817,42	-6,52	4.147,00	-60,61	9.037,27	-52,71
1970	44.693,13	71,88	24.716,19	92,83	5.294,61	27,67	14.679,66	62,43
1971	88.503,87	98,02	15.465,58	-37,43	34.011,90	542,38	39.026,39	165,85
1972	88.881,03	0,42	13.683,60	-10,36	8.618,40	-74,67	66.579,03	70,60
1973	342.869,88	285,76	17.023,20	24,40	145.049,80	1.583,02	180.796,88	171,55
1974	364.327,68	6,25	58.072,32	241,13	118.338,56	-18,42	187.918,08	3,93
1975	641.903,00	76,18	145.511,00	150,56	151.578,00	28,08	344.814,00	83,49
TOTAL	1.715.275		333.683		477.565		904.031	

FONTE: Tabela 3.2(1)

(1) - Para inflacionamento utilizou-se o Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna - Coluna - 2 da Revista Con-juntura Econômica.

democratizar seu capital.

- 2 - Empresas que se dediquem a produção de bens, visando a sua colocação no mercado internacional, independentemente de sua forma jurídica.
- 3 - Empresas cujas atividades concorram para remover pontos de estrangulamento na rede industrial do Brasil"¹⁹.

Praticamente não havia empresa no Paraná que se enquadrasse dentro destes itens. Isto significa que só com os grandes projetos industriais, a partir de 1968/69, os recursos do FUNDECE começam a ser repassados pelo Banco às empresas. Mas a partir de 1969 entra em operação também o FUNGIRO e se consolida o repasse de recursos para financiamento de capital de giro.

A tabela 3.2(3) apresenta os financiamentos de capital de giro desagregados pelas categorias de indústria: Tradicionais, Dinâmicas A e Dinâmicas B.

As indústrias Tradicionais foram as primeiras a obterem financiamento para capital de giro, embora em volume muito pequeno. Já as Dinâmicas B somente em 1966 é que vão utilizar este financiamento para suas atividades.

São as Indústrias Dinâmicas A, que a partir de 1971

¹⁹Op. cit. nota 10, p. 108-9.

TABELA 3.2(3) - PARANÁ - INVESTIMENTO DE GIRO À INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS

(Em Cr\$ 1.000,00 de 1975) ¹

	T R A D I C I O N A I S				D I N Â M I C A S A				D I N Â M I C A S B			
	Invest.	CODEPAR/BADEP	Repasse	Empresa	Invest.	CODEPAR/BADEP	Repasse	Empresa	Invest.	CODEPAR/BADEP	Repasse	Empresa
1962	2.443,10	1.554,70	-	338,40	-	-	-	-	-	-	-	-
1963	-	-	-	-	379,95	379,95	-	-	-	-	-	-
1964	904,40	625,10	-	279,30	-	-	-	-	-	-	-	-
1965	76,32	50,88	-	25,44	228,96	84,80	-	144,16	-	-	-	-
1966	20.688,60	8.302,50	-	12.386,10	11.753,80	6.402,15	-	5.356,65	1.230,00	373,30	-	356,70
1967	19.318,07	9.172,85	-	10.145,22	17.119,46	4.885,80	-	12.233,66	613,12	349,67	-	263,45
1968	15.015,40	4.836,58	3.242,40	6.936,42	27.301,78	8.650,26	10.530,08	11.614,74	1.022,90	223,33	231,60	567,42
1969	17.532,24	8.960,71	2.124,54	6.446,99	7.049,90	3.075,16	1.073,46	2.271,28	1.416,36	778,36	319,00	319,00
1970	34.293,48	21.496,17	2.955,69	9.336,28	5.561,61	1.764,87	1.820,94	1.975,80	4.838,04	1.452,48	517,93	2.367,58
1971	28.184,13	6.404,58	7.226,70	14.552,35	56.182,62	7.735,00	26.201,76	22.245,86	4.128,28	1.326,00	597,02	2.223,26
1972	43.575,34	12.485,34	4.365,90	26.724,60	42.184,30	1.193,26	3.269,70	37.716,84	3.120,39	-	982,30	2.137,59
1973	133.102,40	4.756,00	54.098,68	74.247,72	204.986,38	12.152,40	88.769,92	104.064,56	4.780,60	114,30	2.131,20	2.484,60
1974	226.415,36	51.896,32	71.741,44	102.777,60	113.521,92	5.920,00	42.181,12	65.420,80	24.391,68	256,00	4.416,00	19.719,68
1975	277.447,00	71.856,00	74.376,00	130.715,00	268.227,00	41.055,00	64.592,00	162.630,00	96.180,00	32.500,00	12.109,00	51.471,00

FONTE: Tabela A.3.2(2)

1 - Para o inflacionamento utilizou-se o Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna Coluna - 2 da Revista Conjuntura Econômica

quando o Paraná consegue melhor se situar no crescimento econômico brasileiro pós 1968, as que passam a ter crescentes volumes de financiamento para capital de giro, propiciando que gêneros como minerais não metálicos, papel e papelão, química (soja beneficiada) absorvam considerável parcela destes recursos. Também é este o período em que se consolida a integração da economia paranaense na Economia Nacional e Mundial, pois em cima das pré-condições de infra-estrutura e industrialização incipiente vem se adicionar uma performance excepcional da exportação de produtos agrícolas em função de seus preços internacionais na época. Isto veio a atrair investimentos nos mais variados setores, fazendo o Paraná surgir como nova fronteira para o capital.

As Indústrias Dinâmicas B somente a partir de 1974 vão tomar expressão, tanto em virtude da entrada de novas empresas como da remodelação e expansão de algumas já existentes, em resposta a novas necessidades de substituir importações neste setor. Cabe ressaltar ainda, que essa indústria no Paraná difere das Indústrias Dinâmicas B dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, pela ocupação intensiva de mão-de-obra e, como são indústrias de pequeno porte, podem ser consideradas como um artesanato mais evoluído.*

É interessante observar que à medida que vão aumentando os investimentos fixos, é cada vez maior a necessidade da

* A comparação interestadual da produtividade industrial da mão-de-obra encontra-se detalhada na tabela A.7(8).

empresa conseguir capital de giro, como está mostrado na tabela 3.2(4) por uma participação com tendência visivelmente crescente do financiamento de capital de giro. Isto vem indicar que estas empresas de um modo geral apresentam um baixo grau de auto-financiamento, ficando na dependência do setor financeiro para a obtenção de recursos necessários à sua expansão. Isto porque a qualquer transtorno, as empresas se vêem ameaçadas de serem lançadas fora do mercado, pois tem dificuldades em seguir a concorrência oligopólica das grandes empresas nacionais e estrangeiras.

TABELA 3.2(4) - PARANÁ - INVESTIMENTO FIXO E DE GIRO FINANCIADO À INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

(Em Cr\$ 1.000,00 Correntes)

ANO	Fixo	Participação %	Giro	Participação %	T O T A L
1962	393	87,72	55	12,28	415
1963	2.469	99,40	15	0,60	2.484
1964	5.880	98,86	68	1,14	5.948
1965	11.998	99,70	36	0,30	12.034
1966	20.564	78,96	5.476	21,04	26.043
1967	17.790	69,70	7.733	30,30	25.523
1968	23.003	67,20	11.229	32,80	34.232
1969	48.701	85,66	8.151	14,34	56.852
1970	34.815	67,53	16.738	32,47	51.553
1971	70.480	63,77	40.047	36,23	110.527
1972	212.507	81,88	47.027	18,12	259.534
1973	226.723	51,99	209.392	48,01	436.115
1974	488.621	63,19	284.632	36,81	773.253
1975	901.512	58,41	641.903	41,59	1.543.415

FONTE: Tabela 3.1(1) e 3.2(1)

CAPÍTULO II - ANÁLISE DA PRODUTIVIDADE INDUSTRIAL

4 - CRÍTICA DA INFORMAÇÃO

O Relatório de Pesquisa 2^o aborda o problema da produtividade da mão-de-obra, tendo como indicadores o Valor da Produção por pessoal ocupado na Indústria de Transformação, para o período 1962/74, sendo que para pessoal ocupado, considerou os dados referentes aos estabelecimentos de cinco ou mais pessoas ocupadas^{2o}.

Entretanto, para este relatório, onde também se realiza um estudo da produtividade da mão-de-obra, foram outros objetivos que nortearam a pesquisa. Com o intuito de perceber o comportamento da Indústria de Transformação no Estado, buscou-se abranger um período um pouco mais longo, 1949/74 com informações dos censos e registros industriais. Para tanto, não se separou as informações dos estabelecimentos com mais de cinco pessoas ocupadas, porquanto esta diferença não iria alterar os resultados da análise.

A montagem dos quadros de produtividade industrial foi feita com base nos dados referentes à média mensal de pessoal

^{2o}Op. cit. nota 3, p. 83.

ocupado, numa tentativa de minimizar as distorções que poderiam advir ao se fazer uso de uma informação que é obtida de um único levantamento, num único dia do ano.

Como esta análise foi realizada para vários anos (período 1962/74), foram utilizadas várias fontes, havendo entre as mesmas uma diferença de conceituação. Desta forma, para fugir da distorção acima citada, achou-se por bem realizar a análise com média mensal de pessoal ocupado, que é obtida somando-se o número de pessoas ocupadas no estabelecimento em cada mês do ano e dividindo-se pelo número de meses de registro da informação.

Para o censo industrial de 1960, o que existe é a classificação da média mensal de "operários" ocupados, ou seja, inclui-se somente o número de operários ocupados no estabelecimento em cada mês do ano, considerando-se os sócios e proprietários que trabalhavam efetivamente na produção, o que não acontece no censo industrial de 1970, onde se inclui o total de pessoas ocupadas, sejam elas ou não ligadas diretamente à produção.

Para o ano de 1962, as informações foram obtidas do Anuário Estatístico de 1965, no Registro Industrial, e a conceituação existentes coincide com a do Censo Industrial de 1960; enquanto que para 1966, foram utilizados os dados da "Produção Industrial - Volume II, da FIBGE", que por sua vez, obteve os dados da média mensal de pessoal ocupado utilizando a mesma classificação encontrada no censo industrial de 1970.

Resta mencionar ainda, que ao se tentar calcular o coeficiente marginal capital/mão-de-obra e coeficiente marginal Produto/Capital, esbarrou-se em problemas de informações, uma vez que os dados para resolução desses modelos são estimativas não confiáveis que por certo distorceria os resultados obtidos. Assim, o Apêndice 2 explicita as razões da não construção do modelo.

5 - TECNOLOGIA E NÍVEL DE EMPREGO

As economias atrasadas, no intuito de obter crescimento acelerado do produto, têm importado dos países industrializados bens de capital e tecnologia. A tecnologia importada, resultado de um processo secular de adaptações contínuas em um contexto sócio-econômico distinto, responde a necessidades diferentes das existentes nas economias em desenvolvimento e apresenta portanto, problemas inevitáveis de adequação à realidade dos países importadores.

Em primeiro plano, a inadequação se apresenta em termos de intensividade de capital, com geração de emprego muito reduzida, quando em termos sociais se configura necessário empregar um grande contingente de mão-de-obra ao mesmo tempo em que os recursos internos para investimento são extremamente escassos.

Outra consequência é uma estrutura da produção indesejável do ponto de vista social. A elevada escala dos empreendimentos cria estruturas de mercado monopolistas e oligopolistas. Nestas estruturas de mercado os ganhos de produtividade podem ser retidos, não sendo transferidos em forma de salários mais altos e nem na forma de preços mais baixos. Ao mesmo tempo, a elevada escala dos empreendimentos implica geralmente em

operação com capacidade ociosa anormal, elevando assim os custos de produção.

Grandes dificuldades têm impossibilitado o desenvolvimento de tecnologias autóctones por parte dos países em desenvolvimento, as quais poderiam ser mais adequadas às condições sócio-econômicas destes países. Estas dificuldades são de grande abrangência e se inserem no quadro geral de dependência a que estão sujeitas tais economias.

As firmas de capital nacional, com raras exceções, sentem-se receosas com relação ao investimento em pesquisa e desenvolvimento, pois poderão ser facilmente deslocadas do mercado quando em confronto com uma tecnologia mais avançada provida do exterior, e assim perderem totalmente os recursos aplicados.

Por outro lado, um fator fundamental para a venda de equipamentos industriais é a tradição, a qual tem sido importante também para a indústria de bens duráveis de consumo, e daí a grande dificuldade de penetração do capital nacional com tecnologia nacional nestes setores.

A nível estritamente econômico, a ausência de economias de escala em pesquisa e desenvolvimento, presentes nas plantas localizadas no exterior, bem como a falta de recursos humanos especializados se somam às dificuldades apontadas acima.

Como resultado tem-se a permanência de uma situação amplamente desfavorável em termos sociais, com a aplicação cada

vez mais geral de uma tecnologia que se impõe juntamente com o capital proveniente do exterior.

Simbolicamente o nível de emprego na produção numa época t pode ser representado como uma função do estoque de capital empregado na produção, da produtividade do trabalho e do nível de produto planejado.

$$e_t = f(K_t, p_t, P_t)$$

e_t = nível de emprego	K_t = estoque de capital	P_t = produti- vidade da mão- de-obra	p_t = nível de produto
-----------------------------	-------------------------------	--	-----------------------------

Considerando, para simplificar, que o nível de produto (P_t) permaneça constante, o nível de emprego só poderá se elevar se a taxa de aumento do estoque de capital (K_t) crescer mais rapidamente que a produtividade do trabalho (P_t).

Para as economias com um vasto contingente de mão-de-obra disponível e com taxas elevadas de crescimento deste contingente, parece que o crescimento industrial é incapaz de gerar empregos à taxa necessária para absorver o crescimento da força de trabalho.

Alguns dados referentes aos estados brasileiros mais industrializados, ilustram o exposto acima.

TABELA 5.(1) - CRESCIMENTO DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL E DA MÉDIA MENSAL DE PESSOAL OCUPADO NO PERÍODO 1949/74.

(Cr\$ 1.000,00 - 70)

E S T A D O S	Crescimento do valor da Transformação Industrial (%)			Crescimento do número de Pessoal Ocupado (%)		
	49/59	59/70	70/74	49/59	59/70	70/74
São Paulo	124	194	85	50	76	44
Minas Gerais	76	226	84	17	43	23
Rio Grande do Sul	70	149	121	18	69	49
Rio de Janeiro	124	131	51	34	32	21
Paraná	108	173	139	107	70	38

FONTE: Censos Industriais - 1950, 1960, 1970 - FIBGE.

Pesquisa industrial - 1974 - FIBGE.

OBS.: O valor de transformação industrial foi corrigido para preços de 1970, utilizando-se o Índice geral de preços da disponibilidade interna, coluna 2, F.G.V.

Estes dados indicam que nestes períodos a renda gerada na indústria cresceu em torno de três vezes mais do que o volume de emprego, o que assegura que houve uma elevação sensível da produtividade do trabalho, ou seja, indicam uma relação capital/mão-de-obra elevada nos investimentos realizados. Assim, com base na relação média de 4 para 1 entre crescimento do produto e crescimento do emprego, supondo uma taxa de crescimento da força de trabalho em torno de 3% ao ano, seria necessário que o setor industrial, simplesmente para que mantenha sua participação na absorção de mão-de-obra, crescesse permanentemente a 9% ao ano.

O Paraná, na década 50/60, apresenta comportamento inteiramente atípico em comparação com os demais estados, com um substancial crescimento do produto industrial, comparável ao do Rio de Janeiro e de São Paulo, e apresentando um crescimento equivalente do emprego na indústria. Já na década seguinte a razão entre o crescimento do produto e o crescimento do emprego passa a ser superior a dois (2) e na primeira metade da década de 70 esta razão já é superior a três (3), indicando um aumento acelerado da intensividade de capital no setor industrial paranaense.

A inclusão do Paraná na tabela 5(1) mostrou, como já mencionado, um comportamento bastante distinto dos outros estados mais industrializados, pois percebe-se que o Paraná, entre 1950 e 1960, aumentou sua renda gerada na indústria e seu volume de emprego na mesma proporção; já nos períodos seguintes (1960/70 e 1970/74) esta relação é profundamente alterada no sentido de se equiparar à relação apresentada pelos demais estados.

Para tanto, realizou-se esta mesma análise por categoria e gênero industrial, como indica a tabela 5(2). A agregação dos gêneros industriais em Tradicionais e Dinâmicas é a comumente usada para estudos da indústria de transformação, divergindo da agregação utilizada no Relatório 2, no gênero metalúrgica, gênero este que é aqui incluído na categoria Dinâmicas B²¹.

²¹Op. cit. nota 3, p. 34.

TABELA 5(2) - PARANÁ - CRESCIMENTO DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL¹ E DA MÉDIA MENSAL DE PESSOAL OCUPADO NO PERÍODO 1949/70.

CATEGORIAS E GÊNEROS INDUSTRIAIS	Crescimento do Valor da Transformação Industrial			Crescimento da Média Men- sal de Pessoal Ocupado		
	(%)			(%)		
	49/59	59/70	70/74	49/59	59/70	70/74
TRADICIONAIS	114	140	101	114	59	35
Madeira	114	135	158	124	74	33
Mobiliário	77	293	98	87	81	40
Couros e Peles	93	71	0,07	64	-9	-0,02
Têxtil	174	636	45	56	151	31
Vestuário	100	70	237	68	21	100
Produtos Alimentares	148	76	83	148	18	42
Bebidas	-12	200	39	69	27	0,09
Fumo	-	-	120	-	-	-
Editorial e Gráfica	54	386	36	133	122	14
Diversos	53	149	109	64	13	55
DINÂMICAS A	70	270	204	67	91	35
Minerais não Metálicos	111	185	115	40	59	25
Papel e Papelão	11	190	219	121	88	22
Borracha	-	9.214	44	-	5.254	38
Química	192	384	300	142	116	40
Produtos Farmacêuticos e Veterinários	138	571	-0,44	90	361	-
Perfumarias, Sabões e Velas	-27	84	40	4	10	57
Produto Matérias Plásticas	-	19.309	276	-16	4.648	176
DINÂMICAS B	187	326	187	206	115	90
Metalurgia	317	222	125	253	63	51
Mecânica	-2	724	274	17	314	146
Mat.Elét.e de Com.	2.001	102	400	1.990	44	191
Mat.de Transporte	534	338	73	585	118	53
TOTAL	108	173	133	107	70	141

FONTE: Tabela A.5(1)

ELABORAÇÃO: IPARDES.

(1) O Valor da Transformação Industrial foi corrigido para preços de 1970, utilizando-se o Índice Geral de Preços da Disponibilidade Interna, coluna 2, da F.G.V.

Entretanto, para se compreender o processo de industrialização no estado do Paraná, é necessário ter sempre claro, que esse é um processo que teve, na sua origem, estreita vinculação ao capital industrial nacional, o qual infiltra-se na economia paranaense, principalmente através da expansão da cafeeicultura. "A região do café passa a ser a região da indústria: São Paulo é o seu centro, o Rio de Janeiro seu subcentro, Minas Gerais e o Paraná seus limites e a expansão da fronteira dessa região começa a capturar os espaços vazios do "Centro-Oeste"²².

Este foi um fator relevante que possibilitou ao Estado do Paraná uma "arrancada" no seu crescimento a partir dos anos 50, pois atuou como um reflexo da necessidade da indústria de transformação em expandir seus mercados o nível nacional.

O entendimento das razões que permitiram ao setor industrial obter um elevado incremento de mão-de-obra no período 1949/59, é buscado através da análise por gêneros industriais, onde se pode perceber com mais detalhe o comportamento do setor. Ao observar estes dados, tabela 5(2), verifica-se para os períodos seguintes 1959/70 e 1970/74 que o Valor da Transformação Industrial apresenta um crescimento muito superior ao da Média Mensal de Pessoal Ocupado, indicando como já foi dito anteriormente, um aumento da intensividade de capital no setor industrial.

²² IPARDES. Subsídios ao diagnóstico sócio-econômico do Paraná: indústria e agricultura análise preliminar. Curitiba, 1978. p. 181.

No desenrolar do trabalho pretende-se explicar as transformações ocorridas no setor durante o período em análise.

Para que se tenha bastante claro o que significa o crescimento dos gêneros industriais, tanto em relação ao Valor da Transformação Industrial, quanto da Média Mensal de Pessoal Ocupado, tem-se relacionado a seguir (tabela 5(3)), a participação de cada gênero no total do setor, para o ano de 1949, visualizando-se assim, em cima de que bases é calculado o crescimento verificado.

Observado os dados de Valor de Transformação Industrial, tem-se que os gêneros: madeira, produtos alimentares, bebidas, minerais não metálicos e papel e papelão, representam para o ano de 1949, 80% do produto do setor industrial, (tabela 5(3), participação que, embora de forma muito lenta, vai decaindo no decorrer do tempo.

No presente momento interessa para esta análise, explicar através da participação dos gêneros industriais, como se deram os investimentos realizados no setor, no período 1950/1960, numa tentativa de se compreender a relação unitária existente entre o Valor da Transformação Industrial e a mão-de-obra. Uma análise do setor industrial isoladamente, poderá imprimir ao mesmo uma importância que provavelmente não lhe é cabível, desta forma, a composição setorial do Estado pode trazer uma visão de como está inserido na economia este setor.

TABELA 5(3) - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DOS GÊNEROS NO TOTAL DA
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO - 1949.

CATEGORIAS E GÊNEROS INDUSTRIAIS	Valor da Transforma- ção Industrial (%) 1949	Média Mensal do Pessoal Ocupado (%) 1949
TRADICIONAIS	75,02	70,89
Madeira	25,70	31,76
Mobiliário	3,21	6,23
Couros e Peles	1,48	2,61
Têxtil	2,44	4,59
Vestuário	0,89	2,02
Produtos Alimentares	31,17	15,54
Bebidas	6,51	3,57
Fumo	-	-
Editorial e Gráfica	2,38	2,34
Diversos	1,24	2,23
DINÂMICAS "A"	20,80	23,92
Minerais não Metálicos	6,87	15,70
Papel e Papelão	9,29	4,68
Borracha	-	-
Química	3,12	2,74
Prod. Farmacêuticos e Veterinários	0,12	0,14
Perfumaria, Sabões e Velas	1,36	0,57
Produto Matérias Plásticas	0,04	0,09
DINÂMICAS "B"	4,17	5,18
Metalúrgica	1,38	2,37
Mecânica	2,34	2,25
Mat. Elétrico e de Comunicações	0,06	0,07
Material de Transporte	0,39	0,49
TOTAL	100,00	100,00

FONTE: Censo Industrial: Estado do Paraná - 1950 - F.I.B.G.E.

TABELA 5.(4) - PARANÁ - COMPOSIÇÃO SETORIAL DA RENDA - VALORES A PREÇOS CORRENTES (%).

SETORES	ANOS	1949	1959	1970
Primário		44,69	44,59	25,17
Secundário		15,13	15,54	16,62
Terciário		40,18	39,87	58,22

FONTE: Subsídios ao Diagnóstico Sócio-Econômico do Paraná. Indústria e Agricultura - Análise Preliminar - IPARDES - 1978 - Tabela 19(a), p. 178.

Como se pode perceber, o setor secundário não apresenta grandes alterações no período, enquanto que no setor terciário verifica-se um substancial crescimento.

Para complementar, é necessário observar a estrutura de emprego para o mesmo período. Uma vez que o Censo Demográfico do Paraná de 1960 não foi publicado, foram tomados somente os dados de 1950 e 70, como segue:

TABELA 5.(5) - PARANÁ - ESTRUTURA DE EMPREGO EM PERCENTUAL 1950 - 1970.

SETORES	ANOS	1950	1970
Primário		68,80	63,20
Secundário		11,51	10,22
Terciário		19,69	26,58

FONTE: "O comportamento do Fator Trabalho na Economia Paranaense" - CODESUL - 1975 - IPARDES - Tabela 1.1.2(c). p. 121.

Para fins de análise, fica registrado uma lacuna que provavelmente viria a reforçar a hipótese de uma maior absorção de mão-de-obra no Paraná no período 1950/60. Sem os dados para 1960, o período fica por demais longo (20 anos), e vai indicar somente um incremento da produtividade da mão-de-obra no setor industrial.

Isto posto, o panorama que se tem no Estado para o período 1950/60 é de uma rápida expansão baseada fundamentalmente na exploração de matérias-primas existentes tabela 5(3) - madeira representando em 1949 e 1959, 26% do Valor da Transformação Industrial bem como produtos alimentares com 31% em 1949 e 37% em 1959. A indústria de produtos alimentares desta época é basicamente a elaboração bastante primária de produtos agrícolas e pecuários, principalmente o café. Embora o comportamento do gênero produtos alimentares tenha apresentado, em termos de crescimento, uma taxa de crescimento da mão-de-obra ocupada igual a do Valor da Transformação Industrial, este gênero se destaca pela importância que tem dentro do setor. Produtos Alimentares e madeira fazem parte dos gêneros que tradicionalmente detêm uma capacidade maior de geração de emprego.

Ainda, para explicar esta maior geração de emprego pode-se dizer que na "década de 1949/59, face à necessidade de atender ao aumento da demanda, foi intensificada a utilização do fator trabalho, o que foi possível dada a existência de uma capacidade ociosa no equipamento instalado e de uma oferta de mão-de-obra, o que facilitou postergar a intensificação do capital"²³.

²³ IPARDES. O comportamento do fator trabalho na economia paranaense. Curitiba, 1975. p.55.

O mesmo não acontece na década seguinte, uma vez que a entrada de novos capitais provoca um rápido aumento da produtividade do trabalho.

O esgotamento das reservas florestais e a nova fase de crescimento do setor industrial a nível nacional, a partir de 1960, fazem com que o Paraná comece a incentivar a indústria ainda incipiente, logo em seguida passando a estimular a entrada de capitais externos, com o uso de uma tecnologia muito mais sofisticada, provocando uma absorção de mão-de-obra muito inferior em termos relativos ao que vinha ocorrendo até então.

Isto é fácil de se perceber, uma vez que a partir de 1960 a composição do setor industrial se transforma, como mostra a tabela 5(6) onde a participação das diferentes categorias industriais é sensivelmente alterada no período 62/74. A indústria Tradicional vai gradativamente perdendo posição em favor das Indústrias Dinâmicas A e B, indústrias estas que pelas suas próprias características são poupadoras de mão-de-obra, pois a intensividade de capital determinam um maior produtividade de mão-de-obra de capital.

TABELA 5(6) - PARANÁ - COMPOSIÇÃO DO SETOR INDUSTRIAL POR CATEGORIAS

CATEGORIAS	ANOS	1962	1966	1970	1974
Tradicionais		78,53	70,92	67,14	55,78
Dinâmicas A		16,39	24,96	25,42	32,40
Dinâmicas B		5,08	4,12	7,44	11,82

FONTE: Tabela A.7(5).

Pode-se concluir desta forma, que, sendo a mão-de-obra (principalmente mão-de-obra sem qualificação) um fator de produção dos mais abundantes, a tendência é, ao aumentar o uso de técnicas mais modernas, provocar um desequilíbrio sempre crescente..

6 - COEFICIENTE MARGINAL PRODUTO/MÃO-DE-OBRA 1962/1974

Ao se analisar alguns indicadores da produtividade da mão-de-obra no setor industrial do Estado do Paraná, no período de 1962 a 1974, deve-se levar em conta as transformações que ocorreram em sua estrutura produtiva. Assim, a chamada indústria paranaense na década de 1960 na realidade não passava de algumas atividades beneficiadoras de produtos primários, não possuindo qualquer integração entre seus vários setores. Entretanto, essa estrutura vai se alterando ao longo da década de 1970 em dois sentidos: por um lado, acelera-se o processo de modernização das empresas já existentes e, por outro, instalam-se setores novos no Paraná, basicamente produtores de bens de produção. Dentro desse referencial é que se deve analisar a produtividade industrial da mão-de-obra.

Em primeiro lugar, cabe uma análise do comportamento de cada agrupamento de gêneros industriais dentro de um mesmo período. Assim, no período de 1962 a 1966, nota-se que são as Indústrias Dinâmicas A as que possuem o maior coeficiente de produtividade marginal.

Visualizando a composição do Valor da Transformação Industrial da indústria paranaense, encontram-se os seguintes gêneros industriais como os mais significativos:

CATEGORIAS	GÊNEROS	ANOS	
		1962	1966
TRADICIONAIS			
	Madeira	1.038	796
	Produtos Alimentares	832	898
DINÂMICAS A			
	Minerais não Metálicos	139	196
	Papel e Papelão	189	295
	Química	69	266

OBS.: Os valores em milhões de Cr\$.

Basicamente, o padrão de comportamento das Indústrias Tradicionais é dado pela indústria madeireira e de produtos alimentares que são indústrias de baixo nível tecnológico, pois se resumem em dar um primeiro beneficiamento ao produto agrícola. Por outro lado, são indústrias que absorvem pequena quantidade de mão-de-obra o que torna o coeficiente de produtividade das tradicionais mais elevado do que seria de se esperar, dado seu baixo nível tecnológico.

Em relação às Indústrias Dinâmicas A o seu comportamento é dado pelas indústrias de minerais não metálicos, papel e papelão e química que, reconhecidamente, possuem um processo produtivo mais moderno, ou seja, mais intensivo de capital, sobretudo as duas últimas. Deve ser ressaltado que a indústria química paranaense concentra-se em atividades produtoras de óleo vegetal que vem ao longo dos anos assumindo uma posição de liderança dentro da indústria, concentrando-se atualmente na produção de óleo de soja. Enfim, a rigor, as indústrias mais relevantes em termos tecnológicos seriam as indústrias de papel

e papelão e química, uma vez que a de minerais não-metálicos concentra-se na produção de tijolos e telhas.

Para o período de 1962/66 resta avaliar a produtividade marginal das Indústrias Dinâmicas B. Embora as indústrias metalúrgica e mecânica tenham obtido um crescimento real, o crescimento negativo das indústrias de material elétrico e de comunicações e de transportes foi superior, imprimindo às Indústrias Dinâmicas B uma produtividade negativa. Entretanto, esse fato somente poderia ser explicado com informações mais desagregadas a fim de se localizar a origem dessa redução no Valor da Transformação Industrial.

No período de 1966 a 1970 ainda as Indústrias Dinâmicas A mantêm o maior coeficiente de produtividade marginal devido, principalmente, à indústria química. As Indústrias Dinâmicas B apresentam um coeficiente bem próximo às Dinâmicas A devido ao comportamento das indústrias metalúrgica e mecânica que obtêm um sensível crescimento do Valor da Transformação Industrial no período, operando com uma tecnologia mais avançada em relação às Indústrias Tradicionais.

Finalmente, no período de 1970 a 1974, o que se observa ainda é um maior coeficiente das Dinâmicas A devido a indústria química. É nesse período que a produção da soja no Paraná atinge uma fase de auge provocando uma substituição dos demais óleos pelo óleo de soja. As indústrias produtoras adaptam sua maquinaria à soja e apenas mais recentemente é que se instalam novas plantas com tecnologia muito mais especializada. As indústrias Tradicionais e as Dinâmicas B apresentam coeficientes

muito próximos.

Dessa análise, estanke no tempo, durante esses diversos períodos pode-se concluir que as indústrias chamadas Dinâmicas A é que vêm apresentando os maiores coeficientes de produtividade marginal devido, num primeiro planos, à indústria química e, num segundo, à indústria de papel e papelão. Por outro lado, à exceção do período 1962/66, os incrementos de produtividade observados nas Indústrias Dinâmicas B e Tradicionais têm sido muito próximos, o que leva a crer que o avanço tecnológico tem se dado com a mesma velocidade nos dois agrupamentos, embora as transformações estruturais sejam importantes.

São essas transformações estruturais que aparecem ao se analisar a evolução dos coeficientes de produtividade marginal ao longo desses períodos. São as Indústrias Dinâmicas A e B que apresentam uma evolução mais firme, no sentido de que tem incorporado uma tecnologia mais intensiva de capital. Novamente a importância da indústria química ressalta para explicar o elevado incremento de produtividade das Dinâmicas A. Do lado das Dinâmicas B a instalação de novos ramos industriais é responsável por tal incremento, uma vez que tais indústrias já vêm com tecnologia moderna. O período de 1970 a 1974 sem dúvida, é o mais importante para a indústria paranaense, pois é aí que aparecem essas transformações da estrutura produtiva industrial. Enquanto isso, as Indústrias Tradicionais também passam por um processo de modernização, porém de forma mais lenta, pois ainda são indústrias de beneficiamento de produtos agrícolas.

O coeficiente marginal produto/mão-de-obra apresenta um

valor elevado para o período de 1970 a 1974, graças ao extraordinário comportamento da indústria de produtos alimentares, que ao ser analisado isoladamente, apresenta um coeficiente de produtividade de 184,90. Assim, ao se calcular este coeficiente para as Indústrias Tradicionais excluindo-se produtos alimentares, o resultado obtido cairá de 99,78, tabela 6(1), para 74,44.

Confirmando ainda, que as transformações estruturais deste setor (Indústrias Tradicionais) ocorrem de forma bastante lenta, tem-se que este coeficiente marginal de produtividade ao abranger todo o período em análise - 1962/74, apresenta para o conjunto das Indústrias Tradicionais, menos a indústria de produtos alimentares, um resultado irrisório, ou seja, de 1,22 enquanto que esta última, isoladamente, apresenta para o mesmo período um resultado de 132,86.

Dessa análise, compartimentalizada, da produtividade da mão-de-obra do setor industrial, pode-se concluir o seguinte, em termos de perspectivas:

i) existe uma tendência de predominância da estrutura industrial, pelas Indústrias Dinâmicas B e pela indústria Química, que são de elevada utilização do fator capital. A indústria química deve permanecer com elevados incrementos de produtividade pois ainda estão se instalando unidades novas produtoras e refinadoras de óleo de soja, com tecnologia a mais moderna. As Indústrias Dinâmicas B também devem continuar com elevados incrementos de produtividade pois, provavelmente, serão indústrias beneficiadas no próximo ciclo expansivo da economia brasileira, possibilitando assim, a instalação de indústrias no-

vas no Paraná complementares ao parque industrial de São Paulo.

ii) As Indústrias Tradicionais, devem também continuar seu processo de modernização como consequência da evolução de seus mercados onde se observa uma concentração da produção nas grandes empresas.

Esses fatos, aliados à penetração do capital no campo, expulsando mão-de-obra da agricultura, concentrando a produção em atividades de exportação com tecnologia mais avançada, fazem antever um sério problema para o Paraná nos próximos anos com relação à expansão do nível de emprego. A modernização das indústrias já existentes, evidenciada pelos mais elevados coeficientes de produtividade das Indústrias Tradicionais e a instalação de novas indústrias tecnologicamente modernas, leva a crer que a indústria apresenta uma tendência a absorver relativamente cada vez menos mão-de-obra não sendo capaz, portanto, de resolver a questão do desemprego gerado pelo crescimento da população economicamente ativa e da expulsão dos trabalhadores rurais para o meio urbano.

TABELA 6.(I) - PARANÁ - COEFICIENTE MARGINAL PRODUTO/MÃO-DE-OBRA EM NÚMEROS ABSOLUTOS E VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL (VTI) CONSTANTE A PREÇOS DE 1975.

		Tradicionais	Coefi- cientes	Dinâmicas A	Coefi- cientes	Dinâmicas B	Coefi- cientes	TOTAL	Coefi- cientes
1962/66	Δ VTI	99.631		344.514		- 8.418		435.727	
	Δ MO	1.108	89,92	3.034	113,55	548	-	4.690	92,91
1966/70	Δ VTI	763.233		349.476		203.774		1.316.483	
	Δ MO	21.529	35,45	6.769	51,63	4.475	45,54	33.250	39,59
1970/74	Δ VTI	2.301.584		1.948.933		793.367		5.043.884	
	Δ MO	23.067	99,78	7.353	265,05	8.552	92,77	39.601	127,37
1962/74	Δ VTI	3.164.448		2.642.923		988.723		6.796.094	
	Δ MO	45.704	69,24	17.156	154,05	13.575	72,83	77.541	87,65

FONTE: VTI - NÚMEROS ABSOLUTOS = Tabela A.4.4.5 - Relatório de Pesquisa 2 - "Análise do Impacto CODEPAR e BADEP na Economia Paranaense através dos investimentos no Setor Industrial - Capítulo 5 - Anexos.
DEFLADORES = Tabela A.4.2.1 - Relatório de Pesquisa 2.

MO - IBGE = 1962 "Registro Industrial"
1966 "Produção Industrial"
1970 "Censo Industrial"
1974 "Pesquisa Industrial"

TABELA 6. (2) - PARANÁ - COEFICIENTE MARGINAL PRODUTO/MÃO-DE-OBRA - RELAÇÃO ENTRE TAXAS GEOMÉTRICAS MÉDIAS ⁽¹⁾ POR CATEGORIA DE INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO.

		Tradicionais	i_p/i_{MO}	Dinâmicas A	i_p/i_{MO}	Dinâmicas B	i_p/i_{MO}	TOTAL	i_p/i_{MO}
1962/66	i_p	1,13		15,24		-1,54		3,74	
	i_{MO}	0,62	1,82	6,26	2,96	2,96	-	1,92	1,95
1966/70	i_p	7,54		9,53		26,40		9,03	
	i_{MO}	10,25	0,74	10,32	0,92	17,40	1,52	11,01	0,82
1970/74	i_p	15,20		28,21		35,47		20,66	
	i_{MO}	7,72	1,99	7,85	3,59	17,48	2,03	8,91	2,32
1962/74	i_p	7,81		17,41		19,02		10,92	
	i_{MO}	6,12	1,28	8,13	2,14	12,40	1,53	7,21	1,51

FONTE: Tabela 2.2 (1)

(1): As taxas Geométricas médias para cada variável são obtidas trivialmente pela fórmula de juros compostos.

$$P_n = P_o (1 + i)^n$$

Dividindo-se por P_o e logaritmando-se:

$$\ln \frac{P_n}{P_o} = n \ln (1 + i)$$

$$i = e^{\frac{1}{n} \ln \frac{P_n}{P_o}} - 1$$

Onde i é a taxa geométrica média de crescimento, observada na variável P , ao longo de n períodos, à partir de P_o .

7 - COMPARAÇÃO INTERESTADUAL DE PRODUTIVIDADE INDUSTRIAL DA MÃO-DE-OBRA

As informações utilizadas para se fazer um estudo comparativo entre a indústria localizada no Paraná e a de estados mais industrializados - São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul - foram os dados de Valor da Transformação Industrial e a Média Mensal de Pessoal Ocupado, para o período 1962/74.

A maneira como foi construída a tabela 7(1), com vistas a se proceder uma análise estática comparativa, permitiu fugir da necessidade de utilização de deflatores, uma vez que as comparações são feitas numa mesma época. Por outro lado, deve-se considerar a grande heterogeneidade dos agregados utilizados, ou seja, a grande disparidade que pode existir entre as indústrias "Dinâmicas" e "Tradicionais" dos diferentes estados. No entanto, esta dificuldade não invalida, e tampouco prejudica as comparações, na medida em que se tenha presente que as diferenças de produtividade refletem as diferenças na composição do produto além das diferenças tecnológicas, inevitavelmente. Ou seja, ao nível de agregação adotado, as diferenças de produtividade da mão-de-obra, além de outras imperfeições como indicadora do nível tecnológico, retrata também diferenças de composição do produto setorial.

TABELA 7.(1) - COMPARAÇÃO INTERESTADUAL DE PRODUTIVIDADE INDUSTRIAL DA MÃO-DE-OBRA¹

ESTADOS CATEGORIAS	PARANÁ				MINAS GERAIS				RIO DE JANEIRO				RIO GRANDE DO SUL			
	1962	1966	1970	1974	1962	1966	1970	1974	1962	1966	1970	1974	1962	1966	1970	1974
TRADICIONAIS	89	92	77	100	64	67	93	81	71	64	67	83	101	79	73	79
DINÂMICAS A	59	61	52	87	52	69	70	76	118	122	126	98	72	55	73	111
DINÂMICAS B	54	50	56	72	67	93	113	143	89	97	125	117	61	65	69	74
TOTAL	71	77	63	85	61	74	83	98	89	92	100	98	80	67	67	76

FONTE: Tabela A.7(7)

(1): Índices obtidos, considerando-se para cada ano a produtividade da mão-de-obra na indústria Paulista como 100.

A agregação dos gêneros em categorias Tradicionais, Dinâmicas A e Dinâmicas B, ressalta bem, que no período em análise, são as Indústrias Tradicionais as que possuem menor elevação de produtividade industrial, isto é válido também, para os demais estados em questão. Para o Paraná, são as Indústrias Dinâmicas que apresentam um crescimento maior de produtividade da mão-de-obra em relação a São Paulo. Deve-se ter sempre em conta, que a elevação da produtividade no Paraná, nestas três categorias, é enviesada para cima devido a alguns gêneros industriais, como: produtos alimentares nas Tradicionais, química nas Dinâmicas A, material elétrico e de comunicações e metalúrgica nas Dinâmicas B.

Percebe-se de modo geral, em comparação com a indústria paulista, uma elevação da produtividade da mão-de-obra empregada ao longo do período. A tendência no sentido de diminuir a diferença de produtividade da indústria paulista em relação aos outros estados, deve-se fundamentalmente à implantação de fábricas modernas nestes estados, em épocas recentes.

No global, a indústria destes estados passa por uma rápida transformação, seja pela integração espacial do mercado de produtos, seja principalmente pela implantação de unidades modernas para aproveitamento de matérias-primas, com o que as unidades com tecnologia atrasada são deslocadas, ou reduzidas a uma posição marginal no mercado.

Uma vez que no Brasil a existência do centro hegemônico da economia nacional consegue, através da acumulação de capital, obter um maior avanço tecnológico e um controle de mer-

cado cada vez mais amplo, o crescimento das indústrias nas regiões periféricas fica condicionado a um nível de produtividade tal que lhes garanta participação no mercado integrado a nível nacional.

Desta forma, nas regiões periféricas, o que se percebe para o setor é uma forte tendência à concentração de capitais nas atividades com produtividade mais elevada.

8 - CONCLUSÃO

A grande parte dos recursos geridos pela CODEPAR/BADEP no período 1962/75 destinaram-se, numa primeira fase, à formação da infra-estrutura necessária à viabilização das mudanças desejadas: modernização agrícola e sobretudo industrialização. Assim é que até 1968 financia-se maciçamente a construção rodoviária e a expansão do sistema de energia elétrica, pois os investimentos financiados ao setor público representam até 1968 nada menos que 80% do total dos investimentos financiados pela CODEPAR, e dentro do setor público, a construção de rodovias e a implantação e expansão do sistema de energia elétrica representam no período 1962/75, 78% do investimento financiado.*

Numa segunda fase, a partir de 1968, a CODEPAR transforma-se em banco de desenvolvimento, e a política de financiamento ao setor industrial que já tinha sido revista pela CODEPAR, é inteiramente reformulada. As restrições ao capital industrial não paranaense são inteiramente removidas. Os recursos de programas de financiamento a nível nacional surgem como um reforço mais do que necessário aos recursos da CODEPAR/BADEP, pois a reforma tributária não dava mais lugar a qualquer mecanismo de

* Computada a participação societária na COPEL, este percentual se eleva a perto de 90%.

acumulação de recursos parecido com o empréstimo compulsório.

Além disso, os financiamentos ao setor industrial nesta segunda fase atingem uma magnitude incomparável à dos pequenos projetos da indústria paranaense tradicional financiados na primeira fase.

Em suma, vista de uma perspectiva temporal ampla, a lógica do processo seguiu seu caminho, apesar das idas e vindas da economia nacional e das mudanças na política econômica e tributária. Implanta-se a infra-estrutura básica e passa-se então a financiar diretamente os projetos industriais capazes de alterar a estrutura da economia paranaense. No global, a agricultura e os serviços têm participação residual nos financiamentos, dada a importância que a industrialização assumiu.

Esta industrialização já na época da CODEPAR, estava bem definida: projetos para aproveitamento de vantagens locais e comparativas, o que poderia ser traduzido em termos práticos, como projetos para processamento de matérias-primas disponíveis, uma vez que pelas vantagens referentes à infra-estrutura não se poderia competir com as regiões mais industrializadas. Isto marcou profundamente o crescimento industrial no Paraná, verificando-se a expansão das indústrias da madeira: papel e celulose, madeira e mobiliário; de alimentos, inclusive o café, e de óleo vegetal, para os quais também iriam se dirigir os grandes investimentos a partir do final dos anos sessenta.

Deve-se ressaltar, no entanto, que a expansão industrial que se realiza não chega a satisfazer o objetivo de mu-

dança na estrutura da economia, pois a maior parte dos efeitos se dirigem para fora do Estado, o que consegue na verdade é tão somente o beneficiamento de algumas matérias-primas. Com relação à nova indústria de óleos vegetais, observa-se por exemplo, um grande esforço do governo para que o processamento final e não apenas a extração de óleo bruto, seja feita no Paraná. Impõe-se uma diversificação da atividade industrial, capaz de permitir uma integração que por sua vez, internalize os efeitos positivos.

São necessários grandes projetos também nos setores não tradicionais. A partir de 1970, e principalmente com a instalação da Cidade Industrial de Curitiba, busca-se atrair grandes projetos industriais em setores não tradicionais no Paraná. Os grandes projetos que se implantam a partir do final da década passada destoam completamente da atividade industrial já existente pela escala de produção e pela tecnologia empregada, simplesmente porque uma nova realidade econômica se impõe: o intenso desenvolvimento dos transportes e das comunicações já nos anos cinquenta, permite se falar de um mercado nacional.

As pequenas indústrias no entanto, conseguem se manter, a não ser nos casos em que entram em competição direta com a nova grande indústria, o que aconteceu no ramo de óleos vegetais²⁴.

De qualquer forma, a integração do mercado já não per-

²⁴Op. cit. nota 23, p. 132.

mite-se pensar numa industrialização baseada em pequenos projetos. A produtividade e os custos, e daí o nível tecnológico dos projetos, passam a ser fundamentais em vista da competição com a indústria de outras regiões, principalmente do pólo industrial nacional. Os indicadores de produtividade da mão-de-obra empregada na indústria comprovam isto: mostram uma rápida evolução no sentido de se equipararem a produtividade nas regiões atrasadas com a produtividade no eixo Rio de Janeiro - São Paulo, pois apesar da baixa produtividade da pequena indústria marginal sobrevivente, a nova grande indústria é na realidade, um segmento moderno da indústria do País.

APÊNDICE 1 - TABELAS

AGRICULTURA E SERVIÇOS

TABELA A.1(1) - INVESTIMENTO TOTAL DESTINADO À AGRICULTURA SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS - 1962/1975

(Em Cr\$ 1.000,00 Correntes)

ANO	CODEPAR/BADEP	Participação %	Repasse	Participação %	Empresa	Participação %	TOTAL
1962	-	-	-	-	-	-	-
1963	14	38,89	-	-	22	61,11	36
1964	5	38,46	-	-	8	61,54	13
1965	-	-	-	-	-	-	-
1966	144	54,75	-	-	199	45,25	263
1967	619	58,45	-	-	440	41,55	1.059
1968	227	45,04	51	10,12	226	44,84	504
1969	32	25,81	76	61,29	16	12,90	124
1970	173	6,49	2.239	83,98	254	9,53	2.666
1971	466	32,45	914	63,65	56	3,90	1.436
1972	327	11,48	2.139	75,11	382	13,41	2.848
1973	-	-	-	-	-	-	-
1974	10.154	8,18	72.482	58,37	41.534	33,45	124.170
1975	36.211	14,73	150.118	61,05	59.563	24,22	245.892

FONTE: Tabela A.1(3)

TABELA A.1(2) - INVESTIMENTO TOTAL DESTINADO A SERVIÇOS SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS - 1962/1975

(Em Cr\$ 1.000,00 Correntes)

ANO	CODEPAR/BADEP	Participação %	REPASSE	Participação %	EMPRESA	Participação %	TOTAL
1962	-	-	-	-	-	-	-
1963	-	-	-	-	-	-	-
1964	19	100,00	-	-	-	-	19
1965	-	-	-	-	-	-	-
1966	392	20,19	828	42,66	721	37,15	1.941
1967	70	28,46	123	50,00	53	21,54	246
1968	575	28,17	852	41,74	614	30,09	2.041
1969	728	14,60	2.578	51,72	1.679	33,68	4.985
1970	5.255	73,15	628	8,74	1.301	18,11	7.184
1971	5.263	30,27	7.235	41,61	4.889	28,12	17.387
1972	22.551	60,13	8.999	24,00	5.952	15,87	37.502
1973	8.939	55,05	4.737	29,18	2.560	15,77	16.236
1974	6.695	12,25	34.240	62,63	13.730	25,12	54.665
1975	11.556	14,14	54.599	66,83	15.544	19,03	81.699

FONTE: Tabela A.1(5)

TABELA A.1(3) - INVESTIMENTO TOTAL DESTINADO À AGRICULTURA SEGUNDO O USO DOS RECURSOS - 1962/1975

ANO	BADEP		REPASSE		EMPRESA		TOTAL	
	FIXO	GIRO	FIXO	GIRO	FIXO	GIRO	FIXO	GIRO
1962	-	-	-	-	-	-	-	-
1963	-	14	-	-	-	22	-	36
1964	-	5	-	-	-	8	-	13
1965	-	-	-	-	-	-	-	-
1966	-	144	-	-	-	119	-	263
1967	-	619	-	-	-	440	-	1.059
1968	114	113	51	-	72	154	237	267
1969	24	8	75	-	11	6	110	14
1970	169	4	2.199	40	252	2	2.620	46
1971	452	14	897	17	56	-	1.405	31
1972	300	27	1.974	165	382	-	2.656	192
1973	-	-	-	-	-	-	-	-
1974	2.861	7.293	23.003	49.479	11.389	30.145	37.253	86.917
1975	12.736	23.475	111.955	38.163	38.387	21.176	163.078	82.814

FONTE: BADEP

TABELA A.1(4) - INVESTIMENTO AGRICULTURA - ORIGEM E USO DOS RECURSOS

ANO	CODEPAR/BADEP			REPASSE			EMPRESA			TOTAL GERAL		
	TOTAL	FIXO	GIRO	TOTAL	FIXO	GIRO	TOTAL	FIXO	GIRO	TOTAL	FIXO	GIRO
	(Cr\$1 000,00/75)	%	%	(Cr\$1 000,00/75)	%	%	(Cr\$1 000,00/75)	%	%	(Cr\$1 000,00/75)	%	%
1962	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1963	354	-	100,00	-	-	-	557	-	100,00	911	-	100,00
1964	66	-	100,00	-	-	-	106	-	100,00	172	-	100,00
1965	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1966	886	-	100,00	-	-	-	732	-	100,00	1.618	-	100,00
1967	2.965	-	100,00	-	-	-	2.108	-	100,00	5.073	-	100,00
1968	890	51,01	48,99	203	100,00	-	881	32,58	67,42	1.974	47,82	52,18
1969	103	75,73	24,27	243	100,00	-	55	65,45	34,55	401	89,03	10,97
1970	469	97,65	2,35	6.066	98,24	1,76	688	99,27	0,73	7.223	98,30	1,70
1971	1.097	97,17	2,83	2.154	98,24	1,76	132	100,00	-	3.383	97,96	2,04
1972	672	92,41	7,59	4.399	92,91	7,09	791	100,00	-	5.862	93,81	6,19
1973	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1974	13.175	29,15	70,85	94.209	32,77	67,23	53.873	28,38	71,62	161.257	31,01	68,99
1975	36.211	35,17	64,83	150.118	74,58	25,42	59.563	64,45	35,55	245.892	66,32	33,68

FONTE: Tabela A.1(3)

OBS.- Para o inflacionamento do capital fixo utilizou-se o Deflator Implícito da Formação Bruta de Capital Fixo, conforme a Tabela A.3.1 do Relatório de Pesquisa 2.

- Para o inflacionamento do capital de giro utilizou-se a Coluna - 2 da Revista Conjuntura Econômica da F.G.V.

TABELA A.1(5) - INVESTIMENTO TOTAL DESTINADO A SERVIÇOS SEGUNDO USO DOS RECURSOS - 1962/1975

(Em Cr\$ 1.000,00 Correntes)

ANO	CODEPAR/BADEP		REPASSE		EMPRESA		TOTAL	
	FIXO	GIRO	FIXO	GIRO	FIXO	GIRO	FIXO	GIRO
1962	-	-	-	-	-	-	-	-
1963	-	-	-	-	-	-	-	-
1964	-	19	-	-	-	-	-	19
1965	-	-	-	-	-	-	-	-
1966	392	-	828	-	721	-	1.941	-
1967	70	-	123	-	53	-	246	-
1968	575	-	852	-	614	-	2.041	-
1969	728	-	2.578	-	1.679	-	4.985	-
1970	765	4.490	348	280	1.017	284	2.130	5.054
1971	5.253	10	7.235	-	4.889	-	17.377	10
1972	5.701	16.850	8.699	300	5.651	300	20.051	17.451
1973	3.139	5.800	4.737	-	2.253	307	10.129	6.107
1974	6.695	-	31.040	3.200	12.500	1.230	50.235	4.430
1975	8.956	2.600	44.199	10.400	10.707	4.837	63.862	17.837

FONTE: BADEP.

TABELA A.1(6) - INVESTIMENTO SERVIÇOS - ORIGEM E USO DOS RECURSOS

ANO	CODEPAR/BADEP			REPASSE			EMPRESA			TOTAL GERAL		
	TOTAL (Cr\$ 1000,00/75)	FIXO (%)	GIRO (%)	TOTAL (Cr\$ 1 000,00/75)	FIXO (%)	GIRO (%)	TOTAL (Cr\$ 1 000,00/75)	FIXO (%)	GIRO (%)	TOTAL (Cr\$ 1 000,00/75)	FIXO (%)	GIRO (%)
1962	-	-	-							-		
1963	-	-	-							-		
1964	253	-	100,00							253	-	100,00
1965	-	-	-									
1966	2.631	100,00	-	5.557	100,00		4.839	100,00		13.027	100,00	-
1967	359	100,00	-	631	100,00		272	100,00		1.262	100,00	-
1968	2.291	100,00	-	3.394	100,00		2.446	100,00		8.131	100,00	-
1969	2.356	100,00	-	8.343	100,00		5.434	100,00		16.133	100,00	-
1970	14.061	14,74	85,26	1.691	55,77	44,23	3.514	78,43	21,57	19.266	29,96	70,04
1971	12.411	99,82	0,18	17.064	100,00	-	11.531	100,00	-	41.006	99,95	0,05
1972	43.649	27,04	72,96	18.577	96,95	3,05	12.267	95,38	4,62	74.493	55,73	44,27
1973	14.924	36,26	63,74	8.167	100,00	-	4.387	88,53	11,47	27.478	63,55	36,45
1974	8.987	100,00	-	45.760	91,05	8,95	18.352	91,42	8,58	73.099	92,24	7,76
1975	11.556	77,50	22,50	54.599	80,95	19,05	15.544	68,88	31,12	81.699	78,17	21,83

FONTE: Tabela A.1(5)

OBS.- Para o inflacionamento do capital fixo utilizou-se o Deflator Implícito da Formação Bruta de Capital Fixo, conforme a Tabela A.3.1 do Relatório de Pesquisa 2.

- Para o inflacionamento do capital de giro utilizou-se a Coluna - 2 da Revista Conjuntura Econômica da F.G.V.

TABELA A.1(7) - INVESTIMENTO TOTAL DESTINADO À AGRICULTURA SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS - 1962/1975.

(em Cr\$ 1.000,00 de 1975)

ANO	CODEPAR/BADEP	Variação Anual - %	REPASSE	Variação Anual - %	EMPRESA	Variação Anual - %	TOTAL
1962	-	-	-	-	-	-	-
1963	354	-	-	-	557	-	911
1964	66	- 81,36	-	-	106	- 80,97	172
1965	-	-	-	-	-	-	-
1966	886	-	-	-	732	-	1.618
1967	2.965	234,65	-	-	2.108	187,98	5.073
1968	890	- 69,98	203	-	881	- 58,21	1.974
1969	103	- 88,43	243	19,70	55	- 93,76	401
1970	469	355,34	6.066	2.396,30	688	1.150,91	7.223
1971	1.097	133,90	2.154	- 64,49	132	- 80,81	3.383
1972	672	- 38,74	4.399	104,22	791	499,24	5.862
1973	-	-	-	-	-	-	-
1974	13.175	-	94.209	-	53.873	-	161.257
1975	36.211	174,85	150.118	59,35	59.563	10,56	245.892

FONTE: Tabela A.1(4)

TABELA A.1(8) - INVESTIMENTO TOTAL DESTINADO A SERVIÇOS SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS - 1962/1975.

(em Cr\$ 1.000,00 de 1975)

ANO	CODEPAR/BADEF	Variação Anual - %	REPASSE	Variação Anual - %	EMPRESA	Variação Anual - %	TOTAL
1962	-	-	-	-	-	-	-
1963	-	-	-	-	-	-	-
1964	253	-	-	-	-	-	253
1965	-	-	-	-	-	-	-
1966	2.631	-	5.557	-	4.839	-	13.027
1967	359	- 86,36	631	88,65	272	- 94,38	1.262
1968	2.291	538,16	3.394	437,87	2.446	799,26	8.131
1969	2.356	2,83	8,343	145,81	5.434	122,15	16,133
1970	14.061	496,81	1.691	- 79,74	3.514	- 35,34	19.266
1971	12.411	- 11,74	17.064	909,10	11.531	228,14	41,006
1972	43.649	251,69	18.577	8,86	12.267	6,38	74.493
1973	14.924	- 65,81	8.167	- 56,04	4.387	- 64,24	27.478
1974	8.987	- 39,79	45.760	460,30	18.352	318,32	73.099
1975	11.556	28,58	54.599	19,31	15.544	- 15,31	81.699

FONTE: Tabela A.1(6)

SETOR PÚBLICO PARANAENSE

TABELA A.2.2(1) - PARTICIPAÇÃO SOCIETÁRIA DA CODEPAR/BADEP - FDE NAS EMPRESAS DO SETOR PÚBLICO PARANAENSE E VARIAÇÃO ANUAL

(Em Cr\$ 1.000,00 de 1975)*

EMPRESAS	1962	Variação Anual%	1963	Variação Anual%	1964	Variação Anual%	1965	Variação Anual%	1966	Variação Anual%	1967	Variação Anual%	1968	Variação Anual%
BANESTADO	-	-	-	-	1.516	-	-	-	-	-	3.640	-	-	-
BANESTADO CRÉDITO IMOBILIÁRIO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4.744	-	3.026	-36,21
BANESTADO PROCESSAMENTO DADOS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BANESTADO REFLORESTADORA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CELEPAR	-	-	-	-	3.083	-	6.069	96,85	2.152	-64,54	-	-	-	-
CEASA/PR.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
COPASA	-	-	-	-	-	-	2.121	-	-	-	335	-	-	-
COPEL	-	-	-	-	2.659	-	26.258	887,51	30.476	16,06	23.041	-24,40	26.291	14,10
SANEPAR	-	-	-	-	505	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TELEPAR	-	-	101	-	1.090	979,21	909	-16,60	-	-	31	-	-	-
T O T A L	-	-	101	-	8.854	8.666,34	35.362	299,39	32.628	-7,71	31.791	-2,01	29.317	-7,78

EMPRESAS	1969	Variação Anual%	1970	Variação Anual%	1971	Variação Anual%	1972	Variação Anual%	1973	Variação Anual%	1974	Variação Anual%	1975	Variação Anual%
BANESTADO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BANESTADO CRÉDITO IMOBILIÁRIO	4.161	37,51	1.706	-59,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BANESTADO PROCESSAMENTO DADOS	-	-	-	-	22	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BANESTADO REFLORESTADORA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	343	-	-	-
CELEPAR	-	-	-	-	-	-	690	-	-	-	-	-	1.031	-
CEASA/PR.	-	-	-	-	-	-	-	-	5.054	-	6.418	-21,25	13.500	110,35
COPASA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
COPEL	13.130	-50,06	35.510	170,45	11.092	-68,76	37.015	233,71	29.312	-20,81	11.101	-62,13	9.991	-10,00
SANEPAR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21	-
TELEPAR	-	-	-	-	22	-	22	0,00	3.780	17.081,82	239	-93,68	-	-
T O T A L	17.291	-41,02	37.216	115,23	11.136	-70,08	37.727	238,78	38.146	1,11	18.101	-52,55	24.543	35,59

FONTE: Tabela 2.2(1)

*Para o inflacionamento, utilizou-se a col. 2 da Revista Conjuntura Econômica.

TABELA A.2.2(2) - FINANCIAMENTOS CONTRATADOS JUNTO À CODEPAR/BADEP, E PARTICIPAÇÃO SOCIETÁRIA DA CODEPAR/BADEP - FDE NAS EMPRESAS DO SETOR PÚBLICO PARANAENSE.

(Em Cr\$ 1.000,00 correntes)

	BANESTADO		BANESTADO CRÉDITO IMOBILIÁRIO		BANESTADO PROCESSAMENTO DADOS		BANESTADO REFLORESTADORA		CELEPAR		CEASA/PR.	
	FINANC.	PART. SOCIET.	FINANC.	PART. SOCIET.	FINANC.	PART. SOCIET.	FINANC.	PART. SOCIET.	FINANC.	PART. SOCIET.	FINANC.	PART. SOCIET.
1962	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1963	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1964	-	114	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1965	-	-	-	-	-	-	-	-	650	716	-	-
1966	-	-	-	-	-	-	-	-	-	350	-	-
1967	-	760	-	991	-	-	-	-	-	-	-	-
1968	-	-	-	785	-	-	-	-	-	-	-	-
1969	-	-	-	1.303	-	-	-	-	-	-	-	-
1970	-	-	-	640	-	-	-	-	-	-	-	-
1971	-	-	-	-	-	10	-	-	-	-	-	-
1972	-	-	-	-	-	-	-	-	-	365	-	-
1973	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3.075
1974	-	-	-	-	-	-	-	270	1.556	1.031	-	5.025
1975	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13.500

	COPASA		COPEL		SANEPAR		TELEPAR		TOTAL	
	FINANC.	PART. SOCIET.	FINANC.	PART. SOCIET.	FINANC.	PART. SOCIET.	FINANC.	PART. SOCIET.	FINANC.	PART. SOCIET.
1962	200	-	1.273	-	-	-	-	-	1.473	-
1963	-	-	2.755	-	-	-	-	4	2.755	4
1964	-	200	590	38	-	-	-	82	590	666
1965	-	250	12.337	3.097	-	-	-	107	12.987	4.171
1966	360	-	8.489	4.957	-	-	550	-	9.399	5.307
1967	190	70	3.311	4.812	-	7	2.100	-	5.601	6.640
1968	-	-	5.878	6.819	-	-	-	-	5.878	7.604
1969	-	-	-	4.113	-	-	-	-	-	5.416
1970	-	-	-	13.324	-	-	1.946	-	1.946	13.964
1971	-	-	-	5.012	-	-	-	-	-	5.032
1972	-	-	-	19.564	-	-	-	12	-	19.941
1973	-	-	-	17.836	-	-	-	2.300	-	23.211
1974	-	-	1.217	8.692	-	-	-	187	2.773	14.174
1975	-	-	185.583	9.991	-	29	-	-	185.583	24.543

FONTE: Financiamentos: Tabela 5.2.(3) dos Anexos - Relatório de Pesquisa Nº 3 - IPARDES - 1978.
Participação Societária: Tabela 2.2(1).

SETOR INDUSTRIAL

TABELA A.3.2(1) - PARANÁ - INVESTIMENTO FIXO FINANCIADO POR FONTE DE RECURSOS E TIPO DE INDÚSTRIA

(Em Cr\$ 1.000,00 Correntes)

	T R A D I C I O N A I S				D I N Â M I C A S A				D I N Â M I C A S B			
	Invest.	CODEPAR/BADEP	Repassé	Empresa	Invest.	CODEPAR/BADEP	Repassé	Empresa	Invest.	CODEPAR/BADEP	Repassé	Empresa
1962	287	165	-	122	54	26	-	28	52	31	-	21
1963	1.201	513	-	688	1.043	465	-	578	225	112	-	113
1964	3.574	2.072	-	1.502	1.718	887	-	831	588	373	-	215
1965	8.369	4.288	-	4.081	2.916	1.513	-	1.403	713	398	-	315
1966	13.484	7.243	269	5.972	5.902	3.133	118	2.651	1.178	649	70	459
1967	7.921	4.275	180	3.466	9.104	4.868	25	4.211	765	495	-	270
1968	11.786	7.041	435	4.310	10.952	4.744	865	5.343	265	97	76	92
1969	32.275	14.997	5.023	12.255	15.957	7.655	204	8.098	469	273	13	183
1970	23.130	12.156	3.264	7.710	8.548	4.923	121	3.503	3.137	1.159	477	1.500
1971	21.441	8.386	6.910	6.143	46.036	5.409	23.123	17.505	3.003	1.342	750	912
1972	28.747	5.639	11.738	11.370	176.768	37.611	45.155	94.001	6.992	1.011	3.729	2.251
1973	44.583	10.127	19.133	15.323	174.802	33.387	30.254	111.161	7.338	1.784	2.837	2.717
1974	238.588	26.682	130.048	81.858	238.042	39.205	87.120	111.717	11.991	426	9.835	1.730
1975	488.792	30.787	289.760	168.245	376.319	28.526	240.298	107.495	36.401	174	29.056	7.171

FONTE: Tabela 3.7 - Relatório Nº 2 e Pesquisa junto ao BADEP

TABELA A.3.2(2) - PARANÁ INVESTIMENTO DE GIRO FINANCIADOS POR FONTE DE RECURSOS E TIPO DE I

(Em Cr\$ 1.000,00 correntes)

	T R A D I C I O N A I S				D I N Â M I C A S A				D I N Â M I C A S B			
	Invest.	CODEPAR/BADEP	Repasse	Empresa	Invest.	CODEPAR/BADEP	Repasse	Empresa	Invest.	CODEPAR/BADEP	Repasse	Empresa
1962	55	35	-	20	-	-	-	-	-	-	-	-
1963	-	-	-	-	15	15	-	-	-	-	-	-
1964	68	47	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-
1965	9	6	-	3	27	10	-	17	-	-	-	-
1966	3.364	1.350	-	2.014	1.912	1.041	-	871	200	142	-	58
1967	4.033	1.915	-	2.118	3.574	1.020	-	2.554	128	73	-	55
1968	3.890	1.253	840	1.797	7.073	2.241	2.728	3.009	265	58	60	147
1969	5.496	2.809	666	2.021	2.210	964	534	712	444	244	100	100
1970	12.844	8.051	1.107	3.684	2.083	661	682	740	1.812	544	194	1.074
1971	12.753	2.898	3.270	6.585	25.422	3.500	11.856	10.066	1.868	600	262	1.006
1972	23.056	6.606	2.310	14.140	22.320	634	1.730	19.956	1.651	-	520	1.131
1973	81.160	2.900	32.987	45.273	124.992	7.410	54.128	63.454	2.915	70	1.330	1.515
1974	176.887	40.544	56.048	80.295	88.689	4.625	32.954	51.110	19.056	200	3.450	15.406
1975	277.447	71.856	74.873	130.715	268.277	41.055	64.592	162.630	96.180	32.600	12.109	51.471

FONTE: Pesquisa junto ao BADEP

TECNOLOGIA E NÍVEL DE EMPREGO

TABELA A.5(1) - INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO - PARANÁ - VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL E MÉDIA MENSAL DE PESSOAL OCUPADO POR CATEGORIA E GÊNEROS

INDUSTRIAIS

CATEGORIA E GÊNEROS INDUSTRIAIS	VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL (Em Cr\$ 1.000,00 - Correntes)				VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL (Preços Constantes - 1970)			MÉDIA MENSAL DE PESSOAL OCUPADO			
	1949	1959	1970	1974	1949	1959	1974	1949	1959	1970	1974
TRADICIONAIS	1.026	13.385	1.114.095	4.655.857	216.494	463.637	2.240.177	19.646	41.945	66.740	89.671
- Madeira	352	4.593	373.805	2.023.098	74.275	159.095	969.401	8.801	19.744	34.333	45.815
- Mobiliário	44	475	64.670	266.753	9.284	16.453	127.819	1.727	3.224	5.832	8.159
- Couros e Peles	20	235	13.918	31.036	4.220	8.140	14.871	724	1.187	1.084	1.060
- Têxtil	33	551	140.471	424.231	6.963	19.086	203.277	1.273	1.989	4.994	6.553
- Vestuário	12	146	8.585	60.431	2.532	5.057	28.961	561	942	1.141	2.277
- Produtos Alimentares	426	6.441	393.128	1.499.237	89.890	223.107	718.384	4.306	10.674	12.608	17.900
- Bebidas	89	476	49.510	143.441	18.780	16.488	68.732	989	1.667	2.124	2.306
- Fumo	-	-	4.197	(19.298)	-	-	9.247	-	-	136	-
- Editorial e Gráfica	33	310	52.184	148.261	6.963	10.738	71.042	648	1.508	3.350	3.835
- Diversos	17	158	13.627	59.359	3.587	5.473	28.443	617	1.010	1.138	1.766
DINÂMICAS - A	285	2.955	378.248	2.393.589	60.137	102.358	1.150.134	6.631	11.079	21.173	28.185
- Minerais não Metálicos	94	1.211	119.370	535.405	19.835	41.947	256.548	4.352	6.112	9.716	12.196
- Papel e Papelão	127	858	86.330	574.913	26.798	29.720	275.479	1.297	2.863	5.395	6.597
- Borracha	-	4	12.947	38.876	-	139	18.628	-	11	589	810
- Química	43	766	128.322	1.070.212	9.073	26.533	512.810	759	1.833	3.954	5.544
- Prod. Farmacêuticos e Veterinários	2	29	5.735	(6.691)	422	1.005	3.206	39	74	341	-
- Perfumaria, Sabões e Velas	19	84	5.359	15.712	4.009	2.910	7.529	159	165	181	284
- Produtos de Matérias Plásticas	-	3	20.185	158.471	-	104	75.934	25	21	997	2.754
DINÂMICAS - B	57	995	146.650	877.782	12.027	34.465	420.604	1.437	4.403	9.449	18.001
- Metalúrgica	19	483	53.882	252.728	4.009	16.730	121.099	658	2.325	3.797	5.727
- Mecânica	32	191	54.546	425.795	6.752	6.616	204.027	623	729	3.021	7.421
- Material Elétrico e de Comunicações	1	128	8.935	93.250	211	4.434	44.682	20	418	604	1.759
- Material de Transporte	5	193	29.287	106.009	1.055	6.685	50.796	136	931	2.027	3.094
T O T A L	1.368	17.335	1.638.993	7.953.217	288.658	600.460	3.810.915	27.714	57.427	97.362	136.963

FONTE: 1949 - Censo Industrial - 1950 - FIBGE.
1959 - Censo Industrial - 1960 - FIBGE.
1970 - Censo Industrial - 1970 - FIBGE.
1974 - Pesquisa Industrial - Região Sul - FIBGE.

OBS. : Os dados referentes ao Valor da Transformação Industrial foram corrigidos, utilizando-se o índice geral de disponibilidade interna, coluna 2 -F.G.V.

COMPARAÇÃO INTERINDUSTRIAL DE PRODUTIVIDADE INDUSTRIAL DA MÃO-DE-OBRA

TABELA A.7(1) - INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO - SÃO PAULO - VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL POR CATEGORIA E GÊNEROS INDUSTRIAIS

CATEGORIA E GÊNEROS INDUSTRIAIS	(Em Cr\$ 1.000,00 - Correntes)				Preços Constantes - 1975 ⁽¹⁾			
	1962	1966 ^(*)	1970	1974	1962	1966	1970	1974
TRADICIONAIS	360.849	3.211.109	10.598.465	33.830.566	13.554.984	17.585.829	26.185.849	41.484.077
- Madeira	8.735	79.320	240.191	1.167.083	615.141	554.685	790.102	1.111.508
- Mobiliário	19.609	140.825	589.524	2.181.456	1.021.302	1.066.856	1.576.267	2.771.863
- Couros e Peles	5.218	40.538	93.427	302.383	224.914	281.514	267.699	359.552
- Têxtil	137.891	1.004.228	3.057.055	8.443.528	3.736.883	4.201.791	6.065.585	9.237.996
- Vestuário	28.580	261.220	990.304	3.706.038	809.632	1.088.417	2.134.276	4.314.363
- Produtos Alimentares	94.379	1.014.245	3.069.425	9.312.074	4.329.312	6.037.173	8.597.829	12.482.673
- Bebidas	17.179	156.352	510.221	1.529.376	638.625	1.132.986	1.409.450	2.069.521
- Fumo	9.463	58.750	255.737	656.568	463.873	477.642	700.649	847.185
- Editorial e Gráfica	19.716	195.971	1.012.143	2.862.333	849.828	1.180.548	2.622.132	3.632.402
- Diversos	20.079	259.660	780.438	3.669.727	865.474	1.564.217	2.021.860	4.657.014
DINÂMICAS - A	243.359	2.686.087	8.606.358	34.312.831	13.317.414	18.920.094	27.093.766	45.328.387
- Minerais não Metálicos	43.399	364.702	1.531.050	5.323.569	2.272.199	2.568.324	4.252.917	6.588.575
- Papel e Papelão	32.161	235.070	888.593	4.676.839	1.286.440	1.516.581	2.785.558	5.482.812
- Borracha	28.578	281.480	869.722	3.089.573	1.002.737	1.466.042	2.213.033	4.382.373
- Química	85.370	1.109.576	2.881.413	12.753.390	5.369.182	8.219.081	9.669.171	17.351.551
- Prod. Farmacêuticos e Veterinários	30.691	409.979	1.196.033	3.427.520	1.930.252	3.036.881	4.013.534	4.663.293
- Perfumaria, Sabões e Velas	5.847	168.547	560.907	1.855.100	367.736	1.248.496	1.882.238	2.523.946
- Produtos de Matérias Plásticas	17.313	116.733	678.640	3.186.840	1.088.868	864.689	2.277.315	4.335.837
DINÂMICAS - B	383.383	3.357.246	11.461.463	50.348.374	14.806.775	16.645.093	27.004.016	64.850.810
- Metalúrgica	108.982	891.561	3.223.811	15.849.126	5.421.990	5.789.357	8.619.816	20.397.846
- Mecânica	41.090	522.098	2.550.353	13.500.754	2.282.778	3.107.726	5.836.048	17.417.422
- Material Elétrico e de Comunicações	77.434	748.640	2.254.379	9.110.871	2.435.031	2.890.502	4.746.061	11.206.483
- Material de Transporte	155.877	1.194.947	3.432.920	11.887.623	4.666.976	4.857.508	7.802.091	15.829.059
T O T A L	987.591	9.254.442	30.666.286	118.491.771	41.679.173	53.151.016	80.283.631	151.663.274

(*) Os dados se referem ao total do Valor da Transformação Industrial de cada gênero, enquanto para os demais anos englobam apenas o Valor dos estabelecimentos com cinco (5) ou mais pessoas ocupadas.

FONTE: 1962 - Anuário Estatístico do Brasil - 1965 - FIBGE.
 1966 - Produção Industrial - São Paulo - FIBGE.
 1970 - Censo Industrial - São Paulo - FIBGE.
 1974 - Pesquisa Industrial - Região Sudeste - FIBGE.

(1) O Valor da Transformação Industrial foi inflacionado pelo Deflator de Preços para os Gêneros Industriais, conforme Tabela A.4.2.1 do Relatório de Pesquisa 2: "Análise do Impacto da CODEPAR e BADEP na Economia Paranaense, através dos Investimentos no Setor Industrial".

TABELA A.7(2) - INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO - MINAS GERAIS - VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL POR CATEGORIA E GÊNEROS INDUSTRIAIS

CATEGORIA E GÊNEROS INDUSTRIAIS	(Em Cr\$ 1.000,00 - Correntes)				Preços Constantes - 1975 ⁽¹⁾			
	1962	1966 ^(*)	1970	1974	1962	1966	1970	1974
TRADICIONAIS	40.585	349.259	1.282.282	4.460.431	1.598.359	1.941.982	3.284.459	5.496.048
- Madeira	1.781	13.357	36.353	129.515	125.423	93.406	119.582	123.348
- Mobiliário	1.143	9.711	52.397	199.516	59.531	73.568	140.099	253.515
- Couros e Peles	1.318	10.631	21.396	50.893	56.810	73.826	61.307	54.084
- Têxtil	14.410	112.431	323.369	1.367.283	390.515	470.423	641.605	1.495.933
- Vestuário	1.677	12.635	41.296	207.929	47.507	52.646	89.000	242.059
- Produtos Alimentares	14.816	143.097	594.085	1.751.235	679.633	851.768	1.664.104	2.347.500
- Bebidas	1.268	15.812	41.102	218.213	47.138	114.580	113.541	295.281
- Fumo	2.024	10.206	59.643	202.898	99.216	82.976	163.405	261.804
- Editorial e Gráfica	1.722	16.470	72.852	215.446	74.224	99.217	188.736	273.409
- Diversos	426	4.909	39.789	117.503	18.362	29.572	103.080	149.115
DINÂMICAS - A	10.900	170.575	608.406	2.624.310	572.519	1.207.434	1.817.615	3.359.010
- Minerais não Metálicos	7.611	106.609	358.225	1.351.416	398.482	750.768	995.069	1.672.545
- Papel e Papelão	1.289	10.849	35.101	261.544	51.560	69.994	110.034	306.617
- Borracha	119	3.086	11.381	66.710	4.175	16.073	28.959	94.624
- Química	1.192	43.554	181.350	817.901	74.969	322.622	608.557	1.112.790
- Prod. Farmacêuticos e Veterinários	438	3.764	11.501	64.365	27.547	27.881	38.594	87.571
- Perfumaria, Sabões e Velas	222	1.961	5.860	20.954	13.962	14.526	19.664	28.509
- Produtos de Matérias Plásticas	29	752	4.988	41.420	1.824	5.570	16.738	56.354
DINÂMICAS - B	35.270	371.857	1.479.464	7.525.259	1.706.499	2.337.075	3.819.536	9.681.332
- Metalúrgica	31.248	322.087	1.148.454	6.250.285	1.554.627	2.091.474	3.070.733	8.044.125
- Mecânica	1.163	24.482	235.042	827.225	64.611	145.726	537.854	1.063.271
- Material Elétrico e de Comunicações	1.103	14.319	42.754	219.280	34.686	55.286	90.008	269.717
- Material de Transporte	1.756	10.969	53.214	228.469	52.575	44.589	120.941	304.219
T O T A L	86.755	891.691	3.370.152	14.610.000	3.877.377	5.486.491	8.921.610	18.536.390

(*) Os dados se referem ao total do Valor da Transformação Industrial de cada gênero, enquanto para os demais anos englobam apenas o Valor dos estabelecimentos com cinco (5) ou mais pessoas ocupadas.

FONTE: 1962 - Anuário Estatístico do Brasil - 1965 - FIBGE.
 1966 - Produção Industrial - Minas Gerais - FIBGE.
 1970 - Censo Industrial - Minas Gerais - FIBGE.
 1974 - Pesquisa Industrial - Região Sudeste - FIBGE.

(1) - O Valor da Transformação Industrial foi inflacionado pelo Deflator de Preços para os Gêneros Industriais, conforme Tabela A.4.2.1 do Relatório de Pesquisa Nº 2: "Análise do Impacto da CODEPAR e BADEP na Economia Paranaense, através dos Investimentos no Setor Industrial".

TABELA A.7(3) - INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO - RIO DE JANEIRO - VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL POR CATEGORIA E GÊNEROS INDUSTRIAIS

CATEGORIA E GÊNEROS INDUSTRIAIS	(Em Cr\$ 1.000,00 - Correntes)				Preços Constantes de 1975 ⁽¹⁾			
	1962	1966 ^(*)	1970	1974	1962	1966	1970	1974
TRADICIONAIS	35.637	278.138	834.650	2.949.178	1.352.196	1.529.422	2.112.701	3.672.828
- Madeira	352	3.760	12.612	46.412	24.789	26.294	41.487	44.392
- Mobiliário	1.015	11.506	44.283	109.353	52.865	87.167	118.404	138.949
- Couros e Peles	41	342	(x)	2.606	1.767	2.375	-	2.769
- Têxtil	14.255	90.218	240.596	807.770	386.314	377.481	477.373	883.775
- Vestuário	768	5.643	19.975	190.170	21.756	23.512	43.050	221.385
- Produtos Alimentares	16.338	140.416	397.684	1.291.919	749.450	835.810	1.113.961	1.731.795
- Bebidas	1.454	14.582	51.469	158.500	54.052	105.667	142.180	214.479
- Fumo	43	384	(x)	33.145	2.108	3.122	-	42.768
- Editorial e Gráfica	365	4.420	24.423	103.880	15.733	26.627	63.272	131.827
- Diversos	1.006	6.867	43.608	205.423	43.362	41.367	112.974	260.689
DINÂMICAS - A	36.918	422.151	1.129.124	3.073.598	2.169.834	3.075.892	3.646.791	4.083.154
- Minerais não Metálicos	5.665	60.174	171.920	516.808	296.597	423.761	477.556	639.614
- Papel e Papelão	2.611	24.272	64.179	235.880	104.440	156.594	201.188	276.530
- Borracha	1.172	2.720	35.357	160.802	41.123	14.167	89.967	228.088
- Química	25.313	300.280	736.144	1.771.536	1.592.013	2.224.296	2.470.281	2.410.253
- Prod. Farmacêuticos e Veterinários	1.658	27.975	101.004	276.265	104.277	207.222	338.940	375.871
- Perfumaria, Sabões e Velas	264	6.164	10.831	28.655	16.604	45.659	36.346	38.986
- Pród. de Matérias Plásticas	235	566	9.689	83.652	14.780	4.193	32.513	113.812
DINÂMICAS - B	48.476	375.145	1.167.348	4.017.343	2.244.887	2.171.685	2.940.286	5.195.676
- Metalúrgica	39.094	257.786	711.428	2.451.211	1.944.975	1.673.935	1.902.214	3.154.712
- Mecânica	713	11.276	177.400	698.709	39.611	67.119	405.950	898.084
- Material Elétrico e de Comunicações	498	2.946	5.238	119.587	15.660	11.375	11.027	147.093
- Material de Transporte	8.171	103.137	273.282	747.836	244.641	419.256	621.095	995.787
T O T A L	121.032.133	1.075.434	3.135.173	10.040.119	5.766.917	6.776.999	8.699.778	12.951.658

(*) Os dados se referem ao total do Valor da Transformação Industrial de cada gênero, enquanto para os demais anos englobam apenas o Valor dos estabelecimentos com cinco (5) ou mais pessoas ocupadas.

FONTE: 1962: Anuário Estatístico do Brasil - 1965 - FIBGE.
 1966: Produção Industrial - Rio de Janeiro - FIBGE.
 1970: Censo Industrial - Rio de Janeiro - 1970 - FIBGE.
 1974: Pesquisa Industrial - Região Sudeste - FIBGE.

(1) O Valor da Transformação Industrial foi inflacionado pelo Deflator de Preços para os Gêneros Industriais conforme Tabela A.4.2.1 do Relatório de Pesquisa 2: "Análise do Impacto da CODEPAR e BADEP na Economia Paranaense, através dos Investimentos no Setor Industrial".

TABELA A.7(4) - INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO - RIO GRANDE DO SUL - VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL POR CATEGORIA E GÊNEROS INDUSTRIAIS

CATEGORIA E: GÊNEROS INDUSTRIAIS	(Em Cr\$ 1.000,00 - Correntes)				Preços Constantes de 1975 ⁽¹⁾			
	1962	1966 ^(*)	1970	1974	1962	1966	1970	1974
TRADICIONAIS	79.683	641.177	1.828.942	6.984.639	3.356.507	3.799.306	4.850.014	8.582.231
- Madeira	3.860	36.118	133.424	754.397	271.831	252.573	438.895	718.473
- Mobiliário	2.341	20.950	77.654	325.539	121.927	158.712	207.631	413.645
- Couros e Peles	4.727	35.663	112.793	426.686	203.750	247.660	323.189	453.439
- Têxtil	6.886	45.115	125.436	424.514	186.612	188.766	248.881	464.457
- Vestuário	12.446	99.618	296.703	1.031.986	352.578	415.075	639.446	1.201.381
- Produtos Alimentares	28.050	283.423	688.719	2.486.387	1.286.697	1.687.042	1.929.185	3.332.958
- Bebidas	7.436	50.812	162.091	459.712	276.431	368.203	447.765	622.073
- Fumo	9.457	29.788	91.711	519.630	463.578	242.179	251.263	670.490
- Editorial e Gráfica	2.063	23.673	87.351	335.055	88.922	142.608	226.298	425.197
- Diversos	2.417	16.017	53.060	220.733	104.181	96.488	137.461	280.118
DINÂMICAS - A	14.666	130.511	624.671	3.883.608	803.291	928.983	1.993.940	5.143.737
- Minerais não Metálicos	4.065	31.231	106.505	470.527	212.827	219.937	295.847	582.335
- Papel e Papelão	2.401	14.220	51.171	482.405	96.040	91.742	160.411	565.539
- Borracha	766	5.807	36.262	147.655	26.877	30.245	92.270	209.440
- Química	5.647	64.072	378.399	2.485.840	355.157	474.607	1.269.795	3.382.095
- Prod. Farmacêuticos e Veterinários	601	5.551	16.375	95.422	37.799	41.119	54.950	129.826
- Perfumaria, Sabões e Velas	775	6.223	15.216	62.628	48.742	46.096	51.060	85.208
- Prod. de Matérias Plásticas	411	3.407	20.743	139.131	25.849	25.237	69.607	189.294
DINÂMICAS - B	20.583	200.557	813.627	4.371.612	932.538	1.116.898	1.976.450	5.630.704
- Metalúrgica	11.557	104.388	353.691	1.581.402	574.975	667.844	945.698	2.035.266
- Mecânica	3.215	34.554	221.412	1.552.967	178.611	205.679	506.664	1.994.051
- Material Elétrico e de Comunicações	3.299	34.762	107.559	453.723	103.742	134.216	226.440	558.085
- Material de Transporte	2.512	26.853	130.965	783.520	75.210	109.159	297.648	1.043.302
T O T A L	114.932	972.245	3.267.240	15.239.859	5.092.336	5.845.187	8.820.404	19.356.672

(*) Os dados se referem ao total do Valor da Transformação Industrial, de cada gênero, enquanto para os demais anos englobam apenas o Valor dos estabelecimentos com cinco (5) ou mais pessoas ocupadas.

FONTE: 1962 - Anuário estatístico do Brasil - 1965 - FIBGE.
 1966 - Produção Industrial - Rio Grande do Sul - FIBGE.
 1970 - Censo Industrial - Rio Grande do Sul - FIBGE.
 1974 - Pesquisa Industrial - Região Sul - FIBGE.

(1) O Valor da Transformação Industrial foi Inflationado pelo Deflator de Preços para os Gêneros Industriais conforme Tabela A.4.2.1 do Relatório de Pesquisa 2: "Análise do Impacto da CODEPAR e BADEP na Economia Paranaense, através dos Investimentos no Setor Industrial".

TABELA A.7(5) - INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO - PARANÁ - VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL POR CATEGORIA E GÊNEROS INDUSTRIAIS

CATEGORIAS E GÊNEROS INDUSTRIAIS	(Em Cr\$ 1.000,00 - Correntes)				Preços Constantes- 1975 ⁽¹⁾			
	1962	1966 ^(*)	1970	1974	1962	1966	1970	1974
TRADICIONAIS	40.293	363.055	1.062.436	4.655.857	2.160.933	2.260.564	3.023.797	5.325.381
- Madeira	14.733	113.876	363.090	2.023.098	1.037.535	796.336	1.194.375	1.926.760
- Mobiliário	1.314	18.559	59.527	266.753	68.438	140.598	159.163	338.949
- Couros e Peles	874	6.763	13.307	31.036	37.672	46.965	38.129	32.982
- Têxtil	1.880	41.897	139.961	424.231	50.949	175.301	277.700	464.148
- Vestuário	192	2.527	7.642	60.441	5.439	10.529	16.470	70.362
- Produtos Alimentares	18.138	150.892	368.141	1.499.237	832.018	898.167	1.031.207	2.009.701
- Bebidas	1.263	14.825	48.267	143.441	46.952	107.428	133.334	194.101
- Fumo	13	1.241	(4.197)	(19.298)	637	10.089	11.499	24.901
- Editorial e Gráfica	1.271	8.535	49.978	148.261	54.784	51.416	129.477	188.148
- Diversos	615	3.940	12.523	59.359	26.509	23.735	32.443	75.329
DINÂMICAS - A	9.341	114.960	363.382	2.393.589	450.997	795.511	1.144.987	3.093.920
- Minerais não Metálicos	2.648	27.718	111.563	535.405	138.639	195.197	309.897	662.630
- Papel e Papelão	4.731	45.649	86.102	574.913	189.240	294.510	269.912	673.989
- Borracha	10	1.042	12.469	38.876	351	5.427	31.728	55.143
- Química	1.105	35.894	127.944	1.070.212	69.497	265.881	429.342	1.456.071
- Prod. Farmacêuticos e Veterinários	71	369	(5.720)	(6.691)	4.465	2.733	19.195	9.103
- Perfumaria, Sabões e Velas	150	1.783	5.239	15.712	9.434	13.207	17.581	21.377
- Prod. Matérias Plásticas	626	2.505	20.065	158.471	39.371	18.556	67.332	215.607
DINÂMICAS - B	3.359	24.150	138.571	877.782	139.689	131.271	335.045	1.128.412
- Metalúrgica	1.188	9.346	51.407	252.728	59.104	60.688	137.452	325.261
- Mecânica	546	6.179	51.922	425.795	30.333	36.780	118.814	547.295
- Material Elétrico e de Comunicações	1.062	6.165	7.855	93.250	33.396	26.803	16.536	114.699
- Material de Transporte	563	2.460	27.387	106.009	16.856	10.000	62.243	141.157
T O T A L	52.993	502.165	1.574.306	7.953.217	2.751.619	3.187.346	4.503.829	9.547.713

(*) Os dados se referem ao total do Valor da Transformação Industrial de cada gênero, enquanto para os demais anos englobam apenas o Valor dos estabelecimentos com cinco (5) ou mais pessoas ocupadas.

FONTE: 1962 - Anuário Estatístico do Brasil - 1965 - FIBGE.
 1966 - Produção Industrial - FIBGE.
 1970 - Censo Industrial do Paraná - FIBGE.
 1974 - Pesquisa Industrial - Região Sul - FIBGE.

(1) O Valor da Transformação Industrial foi inflacionado pelo Deflator de Preços para gêneros industriais Tabela A.4.2.1 do Relatório de Pesquisa 2: "Análise do Impacto da CODEPAR e BADEP na Economia Paranaense através de Investimentos no Setor Industrial".

TABELA A.7(6) - MÉDIA MENSAL DO PESSOAL OCUPADO

CATEGORIAS	SÃO PAULO				MINAS GERAIS				RIO DE JANEIRO			RIO GRANDE DO SUL				PARANÁ					
	ESTADOS	1962	1965	1970	1974	1962	1966	1970	1974	1962	1966	1970	1974	1962	1966	1970	1974	1962	1966	1970	1974
TRADICIONAIS		350.609	388.344	513.372	648.417	61.649	62.582	84.547	105.036	48.760	52.771	60.589	68.012	76.460	98.149	122.088	170.100	43.967	45.075	66.604	89.671
- Madeira		10.163	11.730	14.637	22.507	3.961	3.076	3.410	3.631	682	768	1.251	1.389	5.757	6.911	11.215	14.759	22.533	22.597	34.333	45.815
- Mobiliário		22.475	24.552	37.625	50.869	2.188	2.999	5.043	6.868	1.751	2.160	3.967	3.925	3.965	4.646	7.274	10.223	3.541	4.174	5.832	8.159
- Couros e Peles		5.802	5.501	6.639	7.683	1.501	1.781	1.892	1.988	111	87	101	65	4.826	5.858	7.092	10.574	1.428	1.342	1.084	1.060
- Têxtil		165.442	151.184	181.053	185.514	31.743	28.613	31.479	32.029	25.160	24.033	24.045	22.755	7.847	9.128	9.103	10.963	2.288	2.884	4.994	6.553
- Vestuário		36.273	45.786	71.615	107.512	3.527	3.832	5.566	9.956	1.648	1.411	1.704	4.578	17.432	23.838	30.970	45.576	530	745	1.141	2.277
- Produtos Alimentares		58.977	71.584	105.154	132.701	12.848	14.514	25.529	34.763	15.865	19.817	22.844	25.076	22.606	29.949	36.583	49.120	9.036	8.199	12.608	17.900
- Bebidas		10.011	15.811	18.680	17.807	1.660	2.516	3.107	4.294	1.527	1.852	2.333	2.500	3.986	5.444	6.097	7.329	1.478	1.976	2.124	2.306
- Fumo		2.944	3.473	2.958	2.558	563	417	723	1.096	48	63	155	553	2.740	3.625	4.002	7.012	13	305	(x)	(x)
- Editorial e Gráfica		18.260	26.489	38.301	47.190	2.746	3.655	5.589	5.805	872	1.225	1.585	2.154	3.417	4.994	5.882	7.977	1.834	1.904	3.350	3.835
- Diversos		20.262	31.834	36.660	74.076	912	1.179	2.209	4.606	1.096	1.415	2.604	5.017	3.884	3.756	3.870	6.567	1.286	949	1.138	1.766
DINÂMICAS A		168.424	204.375	255.193	352.718	14.628	18.767	25.705	35.574	21.662	26.266	26.605	32.201	14.209	16.891	25.233	35.838	11.029	14.063	20.832	28.185
- Minerais não Metálicos		58.050	58.349	84.279	100.050	11.272	13.319	17.792	23.022	9.399	7.383	11.296	11.657	6.012	7.135	9.541	11.472	5.606	6.223	9.716	12.196
- Papel e Papelão		23.820	25.456	36.659	50.107	1.459	1.867	2.426	4.010	3.583	3.101	2.749	3.982	3.008	3.214	4.067	6.499	3.379	4.581	5.395	6.597
- Borracha		19.289	18.790	22.716	36.425	136	436	809	1.514	408	390	761	1.151	1.012	931	2.322	3.298	19	66	589	810
- Química		43.125	59.332	56.337	75.744	1.149	2.027	3.390	4.566	6.813	11.944	8.543	10.384	2.575	3.734	6.682	9.763	1.617	2.615	3.954	5.544
- Prod. Farmac. e Veterinários		10.025	21.704	18.651	28.840	324	508	640	1.032	802	2.722	1.942	2.472	528	631	692	1.167	86	68	(x)	(x)
- Perfumaria Sabões e Velas		3.245	6.938	9.058	13.048	243	366	303	398	386	556	700	746	554	751	765	955	121	152	181	284
- Prod. Matérias Plásticas		10.870	13.806	27.488	48.504	45	194	345	1.032	271	170	614	1.809	520	495	1.164	2.684	201	358	997	2.754
DINÂMICAS B		273.369	351.802	439.878	743.122	37.457	41.943	50.193	77.601	38.833	40.381	35.797	50.778	24.197	32.542	45.004	87.251	4.426	4.974	9.449	18.001
- Metalúrgica		100.791	105.312	139.209	230.253	32.508	35.912	31.662	49.644	23.951	24.641	14.814	20.970	13.898	17.019	21.165	34.557	2.087	2.159	3.797	5.727
- Mecânica		47.274	65.003	103.453	220.838	2.052	2.769	13.159	17.535	1.061	1.892	10.877	14.263	3.873	6.013	12.377	28.502	692	1.374	3.021	7.421
- Mat. Elét. e de Comunicações		52.849	76.358	84.015	143.109	1.275	1.368	2.720	4.618	781	403	467	4.303	2.749	4.797	4.554	10.550	768	852	604	1.759
- Material de Transporte		72.455	105.129	113.202	148.922	1.622	1.894	2.652	5.404	13.030	13.445	9.639	11.242	3.677	4.713	6.908	13.642	879	589	2.027	3.094
T O T A L		792.402	944.521	1.208.448	1.744.257	113.734	123.292	160.445	218.211	109.255	119.418	122.991	150.991	114.866	147.582	192.325	293.189	59.422	64.112	97.362	136.963

FONTES: 1962 - Anuário Estatístico do Brasil - 1965 - F.I.B.G.E.

1966 - Produção Industrial - Vol. II - F.I.B.G.E.

1970 - Censo Industrial do Paraná - F.I.B.G.E.

1974 - Pesquisa Industrial - Região Sul e Sudeste - F.I.B.G.E.

TABELA A.7(7) - PRODUTIVIDADE DA MÃO-DE-OBRA⁽¹⁾

(Preços Correntes)

CATEGORIAS E GÊNEROS INDUSTRIAIS	1962					1966					1970					1974				
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Rio Gr. do Sul	Paraná	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Rio Gr. do Sul	Paraná	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Rio Gr. do Sul	Paraná	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Rio Gr. do Sul	Paraná
TRADICIONAIS	1,03	0,66	0,73	1,04	0,92	8,27	5,58	5,27	6,53	7,63	20,64	15,17	13,78	14,98	15,95	52,17	42,47	43,36	41,06	52,08
- Madeira	0,86	0,45	0,52	0,67	0,65	6,76	4,34	4,90	5,23	4,95	16,41	10,66	10,08	11,90	10,58	51,85	35,67	33,41	51,11	44,16
- Mobiliário	0,87	0,52	0,58	0,59	0,37	5,74	3,24	5,48	4,51	4,38	15,67	10,39	11,16	10,68	10,21	42,88	29,05	27,86	31,84	32,69
- Couros e Peles	0,90	0,88	0,37	0,98	0,61	6,87	5,97	3,93	6,09	5,01	13,97	11,31	x	15,90	12,28	39,36	25,60	40,09	40,35	42,55
- Têxtil	0,83	0,45	0,57	0,88	0,82	6,64	3,93	3,75	4,94	14,26	16,88	10,27	10,01	13,78	28,03	45,51	42,69	35,50	38,72	64,74
- Vestuário	0,79	0,48	0,47	0,71	0,36	5,71	3,30	4,00	4,18	3,34	13,83	7,42	11,72	9,58	6,70	34,47	20,88	41,54	22,64	26,54
- Produtos Alimentares	1,60	1,15	1,03	1,24	2,01	14,17	9,86	7,09	9,46	16,49	29,19	23,27	17,41	18,83	29,20	70,17	50,38	51,52	50,62	83,76
- Bebidas	1,72	0,76	0,95	1,87	0,85	9,89	6,28	7,87	9,33	7,47	27,31	13,23	22,06	26,59	22,73	85,89	50,82	63,40	62,73	62,20
- Fumo	3,21	3,60	0,90	3,45	1,00	16,92	24,47	6,10	8,22	4,07	86,46	82,49	x	22,92	x	256,67	185,13	59,94	74,11	x
- Editorial e Gráfica	1,08	0,63	0,42	0,60	0,69	7,40	4,51	3,61	4,74	4,43	26,43	13,03	15,41	14,85	14,92	60,66	37,11	48,23	42,00	38,66
- Diversos	0,99	0,47	0,92	0,62	0,48	8,16	4,16	4,85	4,26	4,11	21,29	18,01	16,75	13,71	11,00	49,54	25,51	40,95	33,61	33,61
DINÂMICAS - A	1,44	0,75	1,70	1,03	0,85	13,14	9,09	16,07	7,23	8,06	33,72	23,67	42,44	24,76	17,44	97,28	73,77	95,45	108,37	84,92
- Minerais não Metálicos	0,75	0,68	0,60	0,68	0,47	6,25	8,00	8,15	4,38	4,29	18,17	20,13	15,22	11,16	11,48	53,21	58,70	44,33	41,02	43,90
- Papel e Papelão	1,35	0,88	0,73	0,80	1,40	9,23	5,81	7,83	4,42	9,96	24,23	14,47	23,35	12,58	15,96	93,34	65,22	59,24	74,23	87,15
- Borracha	1,48	0,88	2,87	0,76	0,53	14,98	6,35	6,97	6,24	15,79	38,29	14,07	46,46	16,62	21,17	84,82	44,06	139,71	44,77	48,00
- Química	1,98	1,04	3,72	2,19	0,68	18,70	21,49	25,14	17,16	13,56	51,15	53,50	86,17	56,63	32,36	168,37	179,13	170,60	254,62	193,04
- Prod. Farmacêuticos e Veterinários	3,06	1,35	2,07	1,14	0,83	18,89	7,41	10,28	8,80	5,43	64,13	17,97	52,01	23,66	x	118,85	62,37	111,76	81,77	x
- Perfumaria, Sabões e Velas	1,80	0,91	0,68	1,40	1,24	24,29	5,36	11,09	8,29	10,74	61,92	19,34	15,47	19,89	28,94	142,18	52,65	38,41	65,58	55,32
- Prod. Matérias Plásticas	1,59	0,64	0,87	0,79	3,11	8,46	3,88	3,33	6,88	7,00	25,02	14,46	15,78	17,82	20,13	65,70	40,14	46,24	51,84	57,54
DINÂMICAS - B	1,40	0,94	1,25	0,85	0,76	9,54	8,87	9,29	6,16	4,79	26,06	29,48	32,61	18,08	14,67	67,75	96,97	79,12	50,10	48,76
- Metalúrgica	1,08	0,96	1,63	0,83	0,57	8,47	0,97	10,46	6,13	4,29	23,16	36,27	48,02	17,71	13,54	68,83	125,90	116,89	45,76	44,13
- Mecânica	0,87	0,57	0,67	0,83	0,79	8,03	8,84	5,96	5,75	4,50	24,65	17,86	16,31	17,89	17,19	61,13	46,12	48,99	54,49	57,38
- Materiais Elétrico e de Comunic.	1,47	0,87	0,64	1,20	1,38	9,80	10,47	7,31	7,25	7,16	26,83	15,72	11,22	23,62	13,00	63,66	47,48	27,79	43,07	53,01
- Material de Transporte	2,15	1,08	0,63	0,68	0,64	11,37	5,79	7,67	5,70	3,90	30,33	20,07	28,35	18,96	13,51	79,82	42,28	66,52	57,43	34,26
T O T A L	1,25	0,76	1,11	1,00	0,89	9,80	7,23	9,01	6,59	7,50	25,38	21,01	25,49	16,99	16,07	67,93	66,95	66,49	51,98	57,98

FONTE: Tabelas A.7(1), A.7(2), A.7(3), A.7(4), A.7(5), A.7(6)

(1): Valor da Transformação Industrial por média mensal de Pessoal Ocupado.

TABELA A.7(8) - COMPARAÇÃO INTERESTADUAL DE PRODUTIVIDADE INDUSTRIAL (1)

(Preços Constantes de 1975)²

ESTADOS	CATEGORIAS	São Paulo				Minas Gerais				Rio de Janeiro			Rio Grande do Sul				Paraná				
		1962	1966	1970	1974	1962	1966	1970	1974	1962	1966	1970	1974	1962	1966	1970	1974	1962	1966	1970	1974
E GÊNEROS INDUSTRIAIS																					
TRADICIONAIS		38,7	45,3	51,0	64,0	25,8	30,0	38,8	52,3	27,7	29,0	34,9	54,0	43,9	38,7	39,7	50,5	49,1	50,2	45,4	59,4
-	Madeira	60,5	47,3	54,0	49,4	31,7	30,4	35,1	34,0	36,3	34,2	33,2	32,0	47,2	36,5	39,1	48,7	46,0	35,2	34,8	42,1
-	Mobiliário	45,4	43,5	41,9	54,5	27,2	24,5	27,8	36,9	30,2	41,5	29,8	35,4	51,4	34,2	28,5	40,5	19,3	33,7	24,1	41,5
-	Couros e Peles	38,8	47,7	40,0	46,8	37,8	41,5	32,4	27,2	15,9	27,3	-	42,6	42,2	42,3	45,6	42,9	26,4	35,0	43,3	31,1
-	Têxtil	22,6	27,8	33,5	49,8	12,3	16,4	20,4	46,7	15,4	15,7	19,9	38,8	23,8	20,7	27,3	42,4	22,3	60,8	35,1	70,8
-	Vestuário	22,3	23,8	29,8	40,1	13,5	13,7	16,0	24,3	13,2	16,7	25,3	48,4	20,2	17,4	20,6	26,4	10,3	14,1	14,4	30,9
-	Produtos Alimentares	73,4	84,3	81,8	94,1	52,9	58,7	65,2	67,5	47,2	42,2	48,8	69,1	56,9	56,3	52,7	67,9	92,1	109,5	81,8	112,3
-	Bebidas	63,8	71,7	75,5	116,2	28,4	45,5	36,5	68,8	35,4	57,1	60,9	85,8	69,4	67,6	73,4	84,9	31,8	54,4	62,8	84,2
-	Fumo	157,6	137,5	236,9	331,2	176,2	199,0	226,0	238,9	43,9	49,6	-	77,3	169,2	66,8	62,8	95,6	49,0	33,1	-	-
-	Editorial e Gráfica	46,5	44,6	68,5	77,0	27,0	27,1	33,8	47,1	18,0	21,7	39,9	61,2	26,0	28,6	38,5	53,3	29,9	27,0	38,6	49,2
-	Diversos	42,7	49,1	55,2	62,9	20,1	25,1	46,7	32,4	39,6	29,2	43,4	52,0	26,8	25,7	35,5	42,7	20,6	25,0	28,5	42,7
DINÂMICAS - A		79,1	92,6	106,2	128,5	39,1	64,3	70,7	94,4	100,2	117,1	137,1	126,8	56,5	55,0	79,0	143,5	40,9	56,6	55,0	109,8
-	Minerais não Metálicos	39,1	44,0	50,5	65,9	35,4	56,4	55,9	72,6	31,6	57,4	42,3	54,9	35,4	30,8	31,0	50,8	24,7	31,4	31,9	54,3
-	Papel e Papelão	54,0	59,6	76,0	109,4	35,3	37,5	45,4	76,5	29,1	50,5	73,2	69,4	31,9	28,5	39,4	87,0	56,0	64,3	50,0	102,2
-	Borracha	52,0	78,0	97,4	120,3	30,7	33,1	35,8	62,5	100,8	36,3	118,2	198,2	26,6	32,5	39,7	63,5	18,5	82,2	53,9	68,1
-	Química	124,5	138,5	171,6	229,1	65,2	159,2	179,5	243,7	233,7	186,2	289,2	232,1	137,9	127,1	190,0	346,4	43,0	101,7	108,6	262,6
-	Prod. Farmacêuticos e Veterinários	192,5	139,9	215,2	161,7	85,0	54,9	60,3	84,9	130,0	76,1	174,5	152,1	71,6	65,2	79,4	111,2	51,9	40,2	-	-
-	Perfumaria, Sabões e Velas	113,3	180,0	207,8	193,4	57,5	39,7	64,9	71,6	43,0	82,1	51,9	52,3	88,0	61,4	66,7	89,2	78,0	86,9	97,1	75,3
-	Produtos Matérias Plásticas	100,2	62,6	82,8	89,4	40,5	28,7	48,5	54,6	54,5	24,7	53,0	62,9	49,7	51,0	59,8	70,5	195,9	51,8	67,5	78,3
DINÂMICAS - B		54,2	47,3	61,4	87,3	45,6	55,7	76,1	124,8	57,8	53,8	82,1	102,3	38,5	34,3	43,9	64,5	31,6	26,4	35,5	62,7
-	Metalúrgica	53,8	55,0	61,9	88,6	47,8	58,2	97,0	162,0	81,2	67,9	128,4	150,4	41,4	39,2	44,7	58,9	28,3	28,1	36,2	56,8
-	Mecânica	48,3	47,8	56,4	78,9	31,5	52,6	40,9	59,3	37,3	35,5	37,3	63,0	46,1	34,2	40,9	70,0	43,8	26,8	39,3	73,7
-	Mat. Elétrico e de Comunicações	46,1	37,9	56,5	78,3	27,2	40,4	33,1	58,4	20,1	28,2	23,6	34,2	37,7	28,0	49,7	52,9	43,5	27,9	27,4	65,2
-	Material de Transporte	64,4	46,2	68,9	106,3	32,4	23,5	45,6	56,3	18,8	31,2	64,4	88,6	20,5	23,2	43,1	76,5	19,2	17,0	30,7	45,6
T O T A L		52,6	56,3	66,4	87,0	34,1	44,5	55,6	84,9	52,8	56,8	70,7	85,8	44,3	39,6	45,9	66,0	46,3	49,7	46,3	69,7

FONTE: 1962 - Anuário Estatístico do Brasil - 1965 - FIBGE.
 1966 - Produção Industrial - FIBGE.
 1970 - Censo Industrial - FIBGE.
 1974 - Pesquisa Industrial - Região Sul e Sudeste - FIBGE.

(1)- Valor da Transformação Industrial por Média Mensal de Pessoal Ocupado.

(2)- O Valor da Transformação Industrial foi Inflacionado pelo Deflator de Preços para os Gêneros Industriais, conforme Tabela A.4.2.1 do Relatório de Pesquisa 2: "Análise do Impacto da CODEPAR e BADEP, na Economia Paranaense, através dos Investimentos no Setor Industrial".

**APÊNDICE 2 - COEFICIENTES MARGINAL CAPITAL/MÃO-DE-OBRA
E COEFICIENTE MARGINAL PRODUTO/CAPITAL**

APÊNDICE 2 - COEFICIENTE MARGINAL CAPITAL/MÃO-DE-OBRA E
COEFICIENTE MARGINAL PRODUTO/CAPITAL

Dos coeficientes apresentados, a relação capital/mão-de-obra, dada pelo primeiro, mostra o investimento necessário para a geração de um emprego, e o segundo, dada pela relação produto/capital, que é a razão entre o aumento do Produto Bruto e o incremento no estoque de capital, mostra o acréscimo de produto que a economia obtém por unidade de capital fixo incrementado.

Inicialmente cabe considerar uma defasagem entre a realização de investimentos no setor industrial e a correspondente contratação de mão-de-obra necessária para produção. Esta defasagem, embora possa ser maior em alguns casos, normalmente será em torno de dois anos.

Por outro lado, os investimentos realizados no setor industrial não se constituem em acréscimo líquido ao estoque de capital, uma vez que parte do investimento se destina à reposição. O acréscimo líquido à capacidade de produção, sendo assim, só pode ser estimado conhecendo-se o estoque de capital no período anterior.

A depreciação, entendida como a perda da capacidade de

produção do estoque de capital, é função de diversas variáveis, tais como, o nível de utilização e portanto do nível de produção, da composição etária do estoque de capital, do volume deste estoque e até mesmo do adestramento da mão-de-obra empregada. No entanto, simplifadamente pode-se tomar a depreciação num período t como função unicamente do estoque de capital no período anterior, $t - 1$.

O acréscimo líquido à capacidade de produção se obtém deduzindo do investimento bruto fixo a depreciação que ocorre no mesmo período.

$$I_t^* = I_t - D_t$$

Mas no estoque de capital no período anterior, K_{t-1} , seria obtido a partir de K_{t-2} , considerando-se o acréscimo líquido em $t-1$.

Bonelli propõe uma metodologia para a estimação do estoque de capital, que passa a ser resumida. De início ressalta que: "quando se trabalha com dados para a indústria brasileira, a situação se torna muito pior, pois não existem sequer dados confiáveis ao longo do tempo para valor de estoque de capital"¹; e afirma ainda: "não ter resolvido a questão mas apenas ter chegado a uma solução razoável".

¹BONELLI, R. Tecnologia e crescimento industrial: a experiência brasileira nos anos 60. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1976. p. 189-98.

"O método consiste em construir um deflator direto para converter os totais baseados em custos históricos em totais a preços constantes. Este deflator é baseado em duas suposições. A primeira é que os fluxos de investimentos líquidos são diretamente proporcionais aos aumentos no produto industrial. A segunda, consiste em usar taxas médias anuais de crescimento constantes ao longo de décadas, ao invés das correspondentes taxas individuais".

"O método tem como ponto de partida para a estimação o dado referente ao custo histórico do capital, que pode ser escrito como o somatório, ao longo do tempo, dos investimentos brutos a preços correntes. (Preços do ano i), ponderados pelos preços deste ano".

$$p_t \cdot K = \sum_{i=t}^{t-j} p_i \cdot \Delta K_i \quad (1)$$

"Onde a soma corre para trás no tempo, de t até algum ano $t-j$ no passado mais remoto".

"O valor do estoque de capital líquido de reposição, em termos dos preços vigentes em t pode ser escrito como a soma dos fluxos líquidos, ponderados por preços do ano t . A esta soma deve-se adicionar algum valor inicial do estoque de capital no ano $t - j - 1$, também avaliadas a preços do ano t ". Assim:

$$p_t \cdot K' = \sum_{i=t}^{t-j} p_t \cdot \Delta K'_i + p_t \cdot K'_{t-j-1} \quad (2)$$

Dividindo-se (2) por (1)

$$p_t \cdot K' = p \cdot K \cdot \frac{\sum_{i=t}^{t-j} p_t \Delta K'_i + p_t K'_{t-j-1}}{\sum_{i=t}^{t-j} p_i \cdot \Delta K_i} \quad (3)$$

"Onde a fração é o deflator procurado".

Utilizam-se as duas suposições mencionadas. A primeira significa que tem-se para cada gênero industrial, uma relação incremental (e média) capital/produto constante (\underline{k}). Assim o investimento bruto do ano \underline{i} , escrito como a soma dos investimentos líquidos e depreciação é:

$$p_i \cdot K_i = k \cdot p_i \cdot 0_i + k \cdot d \cdot p_i \cdot 0_{i-1} \quad (4)$$

Onde $\underline{0}$ é o produto e \underline{d} a taxa de depreciação adicionalmente":

$$p_t \Delta K'_i = k \cdot p_t \cdot \Delta 0_i \quad (5)$$

$$p_t \cdot K'_{t-j-1} = k \cdot p_t \cdot 0_{t-j-1} \quad (6)$$

Incluindo (4), (5) e (6) em (3):

$$p_t \cdot K' = p \cdot k \cdot \frac{k \cdot p_t \sum_{i=t}^{t-j} \Delta 0_i + k \cdot p_t \cdot 0_{t-j-1}}{k \sum_{i=t}^{t-j} p_i \cdot \Delta 0_i + d \cdot k \sum_{i=t}^{t-j} p_i \cdot 0_{i-1}} \quad (7)$$

"Entra-se agora com a segunda suposição:

Supomos taxas médias constantes de crescimento (r), o que nos permite escrever":

$$O_t = O_i (1+r)^{t-i} \quad \text{ou} \quad \Delta O_t = \Delta O_i (1+r)^{t-i}$$

A expressão (7) transforma-se em:

$$\Delta O_t \sum_{i=t}^{t-j} \frac{1}{(1+r)^{t-i}} + O_{t-j-1} \quad (8)$$

$$p_t \cdot K' = p_t \cdot k \cdot \frac{\Delta O_t \sum_{i=t}^{t-j} \frac{1}{(1+r)^{t-i}} \cdot \frac{p_i}{p_t} + d \cdot O_{t-j-1} \sum_{i=t-1}^{t-j-1} \frac{1}{(1+r)^{t-j}} \cdot \frac{p_i}{p_t}}{1}$$

Este modelo não pode ser utilizado, porque a relação procurada, capital/produto, é apresentada por Benelli como um parâmetro necessário.

Um método alternativo para a estimação do estoque de capital pode ser assim formulado:

Seja D_i a depreciação real do estoque de capital numa época i . Admitindo-se uma taxa constante de depreciação d , tem-se simplesmente:

$$D_i = d \cdot K'_{i-1,i}$$

Onde $K'_{i-1,i}$ representa o estoque de capital na época imediatamente anterior, a preços da época i , ou seja, com valor atualizado para a época i .

Seja ΔK_i o fluxo bruto de investimento na época i , tem-se então:

$$\Delta K'_i = \Delta K_i - D_i$$

O fluxo líquido ΔK_i^t pode ser colocado a preços da época atual \underline{t} , aplicando-se o deflator de formação bruta de capital fixo ou outro índice adequado. Seja $\Delta K_{i,t}$ o fluxo assim corrigido.

Daí, conhecendo-se o estoque de capital numa época passada, $t-j-1$, obtêm-se o valor atual do estoque de capital.

$$K_t^t = \sum_{i=t-j-1}^t \Delta K_{i,t} + K_{t-j-1,t}^t$$

Onde todos os valores são corrigidos para a época \underline{t} .

Então o estoque do capital atual poderia ser estimado simplesmente conhecendo-se os fluxos líquidos anuais, o deflator, que poderia ser o de formação bruta de capital fixo e o estoque de capital numa época passada.

Bonelli, em seu texto, afirma não ter resolvido o problema da estimação do estoque de capital, pois como demonstra no seu modelo estimador, o exemplo dado baseia-se em informações censitárias e não censitárias não confiáveis, devido a pobreza dos dados e dos métodos de estimação.

Isto ainda adiciona-se ao fato de que para a estimação das variáveis contidas nos modelos, parte-se de suposições muito simplificadoras, capazes de acarretar grandes vieses.

O mesmo acontece com o modelo alternativo apresentado, que nada mais é que uma simplificação do de Benelli, onde a

depreciação é tomada somente em função do estoque de capital, quando vários fatores podem influenciá-la.

Devido à impossibilidade de obtenção dos dados básicos para resolução desses medelos e por tratar-se de estimativas não confiáveis, conclui-se que, uma estimativa segura só poderia ser obtida considerando-se apenas novos projetos, para os quais se tenha o montante de investimentos realizados e o correspondente número de empregos gerados, só assim seria possível obter-se o investimento necessário para a geração de um emprego no setor industrial.

Para o coeficiente marginal produto/capital que demonstraria o acréscimo de produto que a economia obtém por unidade de capital fixo incrementado, as mesmas observações feitas acima são válidas, pois o mesmo problema de determinação do estoque de capital é encontrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista: estudo sobre a CODEPAR (Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná) São Paulo, Símbolo, 1978. 223 p. (Coleção Ensaio e Memória, 7).
02. BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO PARANÁ S.A. - BADEP. Programa de apoio às indústrias do Estado do Paraná. Curitiba, 1974. 2 v.
03. _____. Atividades/1969-1977. Curitiba, 1969-1978.
04. BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO S.A. - BADERJ. Relatório de atividades de 1977. Rio de Janeiro, 1978.
05. BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - BNDE. Relatório de atividades de 1973. Rio de Janeiro, 1974.
06. BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL - BRDE. Relatório de 1970. Porto Alegre, 1971.
07. BASES para uma estratégia de ação. Rumos do Desenvolvimento, Rio de Janeiro, 2(9):20-3, jan./fev. 1978.
08. BIATO, Francisco A. & GUIMARÃES, Eduardo A.A. Dois estudos sobre tecnologia industrial no Brasil. Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio de Janeiro, 3(1):135-81, mar. 1973.
09. BONELLI, Regis. Tecnologia e crescimento industrial: a experiência brasileira nos anos 60. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1976. 242 p. (Monográfica, 25).
10. BRASIL. Instituto de Planejamento Econômico e Social. Instituto de Pesquisas. Análise governamental de projetos de investimentos no Brasil; procedimentos e recomendações. 2 ed. Rio de Janeiro, 1972. 206 p. (Relatório de Pesquisa, 1).
11. _____. Crescimento industrial no Brasil; incentivos e desempenhos recentes. Rio de Janeiro, 1974. 302 p. (Relatório de Pesquisa, 26).
12. _____. Desenvolvimento regional e urbano; diferenciais de produtividade e salários industriais. Rio de Janeiro, 1973. 151 p. (Relatório de Pesquisa, 15).
13. _____. Financiamento de projetos industriais no Brasil. Rio 1972. 418 p. (Relatório de Pesquisa, 9).
14. _____. A transferência de tecnologia no Brasil. Brasília, 1973. 238 p. (Estudos para o planejamento, 4).

15. COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO PARANÁ - CODEPAR. Relatório/1962-1968. Curitiba, 1963-1969.
16. CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL - CODESUL. O comportamento do fator trabalho na economia paranaense. Curitiba, 1975. 183 f.
17. FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. 25 anos de economia gaúcha: análise da indústria de transformação do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1976. v. 4, 152 p.
18. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - FIBGE. Anuário estatístico do Brasil 1965. Rio de Janeiro, 1965.
19. _____. Censo industrial de 1960 Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul: VII recenseamento geral do Brasil. Rio de Janeiro, 1966.
20. _____. Censo industrial de 1960 São Paulo: VII recenseamento geral do Brasil. Rio de Janeiro, 1966.
21. _____. Censo industrial Minas Gerais: VIII recenseamento geral 1970. Rio de Janeiro, 1974.
22. _____. Censo industrial Paraná: VIII recenseamento geral 1970. Rio de Janeiro, 1974.
23. _____. Censo Industrial Rio Grande do Sul: VIII recenseamento geral 1970. Rio de Janeiro, 1974.
24. _____. Censo industrial Rio de Janeiro: VIII recenseamento geral 1970. Rio de Janeiro, 1974.
25. _____. Censo industrial São Paulo: VIII recenseamento geral 1970. Rio de Janeiro, 1974.
26. _____. Pesquisa industrial 1974 Região Sudeste: dados gerais. Rio de Janeiro, 1974.
27. _____. Pesquisa industrial 1974 Região Sul: dados gerais. Rio de Janeiro, 1974.
28. INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - IPARDES. O comportamento do fator trabalho na economia paranaense. Curitiba, 1975. Convênio IPARDES/CODESUL.
29. _____. A contribuição da CODEPAR e BADEP para o financiamento do desenvolvimento da economia paranaense. Curitiba, 1977. (Relatório de Pesquisa, 1: A representatividade dos estabelecimentos industriais financiados pela CODEPAR e BADEP na economia paranaense).
30. _____. _____. Curitiba, 1978. (Relatório de Pesquisa, 2: Análise do impacto da CODEPAR e BADEP na economia paranaense através dos investimentos no setor industrial).
31. _____. _____. Curitiba, 1978. (Relatório de Pesquisa, 3: Análise do impacto da CODEPAR e BADEP na economia paranaense através dos investimentos no setor público).

32. _____. Subsídios ao diagnóstico sócio-econômico do Paraná: indústria e agricultura análise preliminar. Curitiba, 1978. 3 v.
33. MELLO, J.M.C. & BELLUZO, L.G.M. Reflexões sobre a crise atual. Escrita e Ensaio, São Paulo, 1(2): 17-27, 1970.
34. MERHAV, Meir. Dependencia tecnológica, monopolio y crecimiento. Buenos Aires, Periferia S.R.L., 1972. (Colección Ciencia, desarrollo e ideología).
35. PARANÁ. Governo do Estado. Análise da conjuntura econômica do Paraná. Curitiba, 1967.
36. _____. Plano de desenvolvimento do Paraná. Curitiba, 1963. 234 f. Documento preliminar elaborado pela SAGMACS.
37. TAVARES, Maria da Conceição. Da substituição de importações ao capitalismo financeiro: ensaio sobre economia brasileira. 4. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. 263 p.

EQUIPE TÉCNICA

ADEMIR CLEMENTE - Coordenador

CARLOS FREDERICO FAYET

HELENA RUBINI SOFFIATTI

MARIA COROLINA ZAFANELI CUBAS

MARINA MARUYAMA

MOISÉS FRANCISCO FARAH JÚNIOR

ROBERTO VERMULM